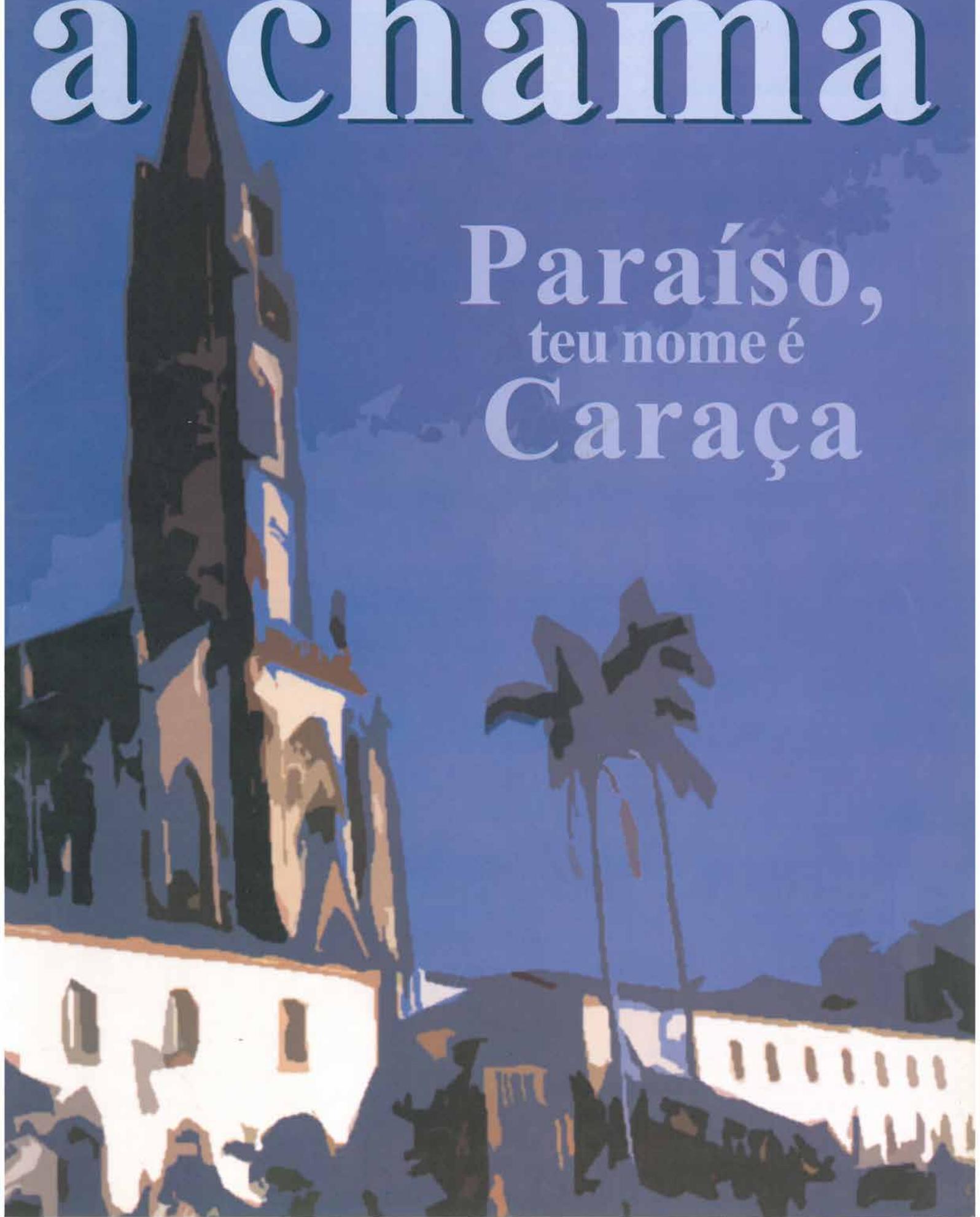


Ano XXVII - Nº 62 - março/2001

Editada pela APM do Colégio São Vicente de Paulo

# a chama

Paraíso,  
teu nome é  
Caraça





BENDITO  
CASTIGO

ADEUS AO  
FUNDADOR

UMA AULA DE  
ENUNCIADOS

CEM ANOS EM  
UM DIA

SHOW DA CULTURA  
BRASILEIRA

EXERCÍCIO  
LÚDICO

SEGUINDO A  
VOCAÇÃO

A VOLTA DOS  
MISSIONÁRIOS

16  
6  
2  
1  
20  
28  
24  
14

## EXPEDIENTE

# a chama

Revista editada pela APM  
Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XXVII – N° 62  
março/2001

Rua Cosme Velho, 241 – Cosme Velho – CEP 22241-090 – Rio de Janeiro – RJ  
Telefone: (21) 556 0796 – e-mail: apmcsvp@iname.com

*Supervisão Editorial:* Pe. Lauro Palú e Jorge Faulhaber  
*Coordenação Editorial:* Regina Marteleto  
*Redação e Edição:* Ana Beatriz de Noronha e Cátia Guimarães  
*Projeto Gráfico:* Oswaldo Eduardo Lioi  
*Concepção gráfica e ilustrações:* Iuri Lioi  
*Colaboração:* Gilberto de Carvalho e Antônio Moraes (Serviço Audiovisual / CSVP - fotos)  
*Revisão:* Ana Beatriz de Noronha e Cátia Guimarães  
*Editoração eletrônica:* Wesley Lemos  
*Capa:* Arte sobre foto de Pe. Lauro Palú

### DIRETORIA DA APM

*Casal Presidente:* Jorge Wood Faulhaber e Maria Cristina B. Faulhaber  
*Casal Vice-Presidente:* Oswaldo Eduardo Lioi e Carla Lioi  
*Casal Relações Públicas:* Clóvis Speroni e Luciana Vasconi  
*Casal Tesoureiro:* Duarte M. Vicente e Maria Lúcia Godoy Vicente  
*Casal Secretário:* Jésus de A. Bastos e Regina Maria Marteleto  
*Casal Representante dos Professores:* Roseli e Sidnei Vasconcellos

**C**aros pais e amigos,

Aqui encerro um ciclo completo de vida: aluno, professor e pai. Convivi no Colégio São Vicente com algumas das mais brilhantes cabeças que o nosso país já teve. Conheci todos os diretores e de todos guardo ótimas lembranças.

Não quero, aqui, fazer citações ou prestar homenagens dirigidas. Certamente seria omissivo, tantos foram aqueles que tiveram papel fundamental na minha formação como profissional, cidadão e homem.

Participar da comunidade do Colégio São Vicente é um privilégio. Por isso ocupo esse espaço para convocar todos os pais a participar ativamente.

Fiz essa convocação no meu primeiro Editorial. E faço novamente. Participem!

Ao Colégio São Vicente de Paulo,

O meu muito obrigado.

*Jorge Eduardo Faulhaber*

## SUMÁRIO

### CAPA

Um pedaço de céu na Terra ————— 16

### ESPECIAL

Um homem à frente do seu tempo ————— 6

### ENTREVISTA: Vera Bomfim

Vale a pena escrever bem ————— 2

### COMO SE FAZ

O “nosso” SOE ————— 10

### ENSINO FUNDAMENTAL

O século XX passado a limpo ————— 11

### AÇÕES SOCIAIS

Nas férias, de volta ao trabalho ————— 14

Essas mulheres incansáveis ————— 15

### SUPLETIVO

Contra a exclusão: cultura ————— 20

### FÓRUM

Dança das cadeiras ————— 22

### FAMÍLIA VICENTINA

Nos caminhos de São Vicente ————— 24

### ESPAÇO APM

Missão cumprida ————— 26

### EX-ALUNOS

Caros amigos ————— 27

### ETC...

Talento de sobra ————— 28

[www.csvp.g12.com.br](http://www.csvp.g12.com.br) ————— 29

Depois da tempestade... ————— 30

Formandos 2000 ————— 31

ESPAÇO ABERTO e CARTAS ————— 32



# VALE A PENA ES

Vera Bomfim, professora de português, dá a



**E**la fez um verdadeiro sucesso na “Semana Pedagógica” deste ano. Professora de língua portuguesa do São Vicente desde 1994, Vera Bomfim trouxe para o Colégio uma nova discussão, sobre enunciados.

Formada em Letras, português-literatura, pela UERJ, e preparando a dissertação de mestrado, pela mesma universidade, ela vem estudando a formulação dos enunciados de questões, apontando falhas e propondo técnicas para evitar mal entendidos. Para isso, defende a precisão e a clareza.

Nesta entrevista, Vera define um bom texto, alerta para os erros mais comuns e dá dicas para uma redação eficaz.

**A chama:** *O que significa escrever bem?*

**Vera Bomfim:** Estou convencida de que escrever bem é, acima de tudo, escrever com autonomia, sendo sujeito de seu texto. A concepção “beletrista” do ensino de redação na escola, isto é, a busca de transformar alunos em escritores de textos literários ou científicos não cabe mais nos dias de hoje. Contrariamente a isso, considera-se que escrever bem é saber adequar o texto ao contexto situacional em que está inserido, orientando-se nos fatores que o determinam. Assim, muito além de conhecimento específico do idioma, escrever exige conhecimento de elementos como: quem produz o texto, quem é o interlocutor, qual é a finalidade do texto, qual é o momento histórico-social em que é produzido e o gênero de texto mais adequado para que a comunicação atinja seu objetivo. A partir dessa perspectiva, escrever bem pressupõe competência textual, constituindo-se uma atividade criadora, individual e autônoma, que extrapola o conhecimento de técnicas específicas que a escola busca ensinar.

**A chama:** *Por que é tão importante saber redigir?*

**Vera Bomfim:** O conhecimento e o domínio da produção escrita preparam o indivíduo para as diversas práticas linguísticas do dia-a-dia, ampliando sua compreensão da realidade, o que aponta formas concretas de participação social como cidadão. Por exemplo, quando estuda carta argumentativa, o aluno não só se apropria de informações sobre o conteúdo, a estrutura e o estilo, como também toma consciência de uma das formas de que o cidadão dispõe para reclamar seus direitos, exigir providências, exercendo sua cidadania.

**A chama:** *Qual a maior dificuldade que, em geral, as pessoas encontram em redigir?*

**Vera Bomfim:** Os alunos costumam queixar-se da dificuldade que sentem em estabelecer um roteiro a ser seguido na redação do texto. A seleção e posterior ordenação do material a ser desenvolvido, essenciais à elaboração de qualquer texto, exigem do escritor de qualquer texto um método de trabalho que só se adquire com a prática. Organizadas as idéias, a produção do texto, de qualquer tipo que seja, torna-se tarefa simples e até prazerosa.

**A chama:** *Que tipos diferentes de texto são trabalhados com os alunos do São Vicente?*

**Vera Bomfim:** O ensino de língua portuguesa no CSVP tem buscado pôr o aluno, desde cedo, em contato com uma verdadeira diversidade textual, explorando os mais variados textos que circulam socialmente. De acordo com a faixa etária e a escolaridade do aluno, trabalhamos textos literários, jornalísticos, de informação científica, institucionais, publicitários, humorísticos, epistolares, etc. O nosso objetivo é que os alunos sejam capazes de valer-se, quer como leitores, quer como escritores, dos diversos tipos de texto explorados na comunicação, agindo com adequação, tranquilidade e autonomia.

*“Estou convencida de que escrever bem é, acima de tudo, escrever com autonomia, sendo sujeito de seu texto”*

# CREVER BEM

## receita correta para uma boa redação

**A chama:** *Qual o segredo de uma boa redação?*

**Vera Bomfim:** Penso que o primeiro passo para a produção de um bom texto escolar é a organização de um esquema a ser seguido. A própria elaboração do roteiro facilitava a seleção de conteúdos, sem o que o texto resultará confuso, truncado ou repetitivo. Além disso, o planejamento exige que o escritor defina a finalidade de seu texto, estabelecendo um recorte no assunto, geralmente amplo. É claro que o maior conhecimento sobre o assunto enriquece o texto, o que reforça a importância de uma busca constante de informações.

*“Organizadas as idéias, a produção do texto, de qualquer tipo que seja, torna-se tarefa simples e até prazerosa”*

**A chama:** *Como começou seu trabalho com enunciados?*

**Vera Bomfim:** Em 1998, durante a realização de um curso de pós-graduação em língua portuguesa na UERJ, iniciei, com a professora Teresa Assaife, do IERJ e do Colégio Pallas, o estudo de textos escritos por professores e alunos, sob a forma de questão e resposta, em provas discursivas de Geografia e História, em turmas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Naquele momento estabeleceu-se, como objetivo de estudo, a busca de um entendimento sobre a influência do domínio da língua na formação de enunciados, tanto por professores como por alunos.

**A chama:** *De que maneira esse trabalho está sendo trazido para o São Vicente?*

**Vera Bomfim:** Há dois anos tive a oportunidade de apresentar meu trabalho a um grupo de professores do CSVP. Em fevereiro deste ano, fui convidada a participar da Semana Pedagógica, em dois encontros com colegas de diversas séries e disciplinas. Foram contatos muito proveitosos para mim porque trocamos experiências que, com certeza, incorporarei a meus estudos, agora que começo a escrever minha dissertação de mestrado.

**A chama:** *Quais as falhas mais comuns cometidas nos enunciados?*

**Vera Bomfim:** Poderia apontar a falta de clareza e objetividade como o mais grave problema encontrado nos comandos de questões. São comuns os enunciados que não especificam o tipo de procedimento que o professor espera do aluno, ora por serem muito abrangentes, ora por se apresentarem incompletos. Sem compreender com exatidão o objetivo da questão, o aluno se perde em informações que, muitas vezes, não permitem a aferição real de seus conhecimentos sobre determinado assunto.



**A chama:** *Por que é importante trabalhar a formulação de enunciados nas escolas e em outros ambientes?*

**Vera Bomfim:** A construção de enunciados insere-se na questão maior da avaliação do trabalho pedagógico. Tenho constatado que a má formulação de questões de provas pode comprometer esse processo, na medida em que mascara a realidade do aluno, deixando de cumprir a função de fornecer dados para o replanejamento do professor, através do levantamento de aspectos que necessitam de revisão. Considero fundamental que nós, professores, possamos refletir criticamente sobre o trabalho de elaboração de enunciado, tornando-nos sujeitos de nossas produções escritas.

**A chama:** *Quais os mandamentos para um bom enunciado?*

**Vera Bomfim:** Clareza, objetividade e precisão são as qualidades essenciais a um enunciado de prova. Antes de formular um comando, o professor precisa definir com clareza o objetivo da questão, determinando procedimentos e conteúdos esperados na resposta do aluno. O bom enunciado deve fornecer ao aluno dados suficientes para que sua resposta possa “dialogar” com o texto do professor, em uma interação que possibilita ao aluno explicitar seus conhecimentos sobre o conteúdo avaliado.

**A chama:** *Exemplifique um enunciado mal formulado.*

**Vera Bomfim:** Costumo citar um enunciado proposto em uma prova de história, da 6ª série do Ensino Fundamental. O professor perguntava: “O que fez Tomé de Souza?”. O aluno, revelando aguçado senso de humor, respondeu, para desespero do professor: “Ele fez o que pôde!”. ■

Ana Beatriz de Noronha  
Cátia Guimarães

# DE BRAÇOS AB



**C**omo bons anfitriões, os professores, coordenadores e a direção do São Vicente andaram preparando a casa para a chegada dos hóspedes deste ano. Antes do início das aulas, foi cumprido todo um ritual de iniciação a mais um ano letivo. E já se prevê um bocado de trabalho.

Ainda no final do ano passado, todos os “educadores” do São Vicente de Paulo receberam uma circular de convocação para a “Semana Pedagógica”.

De fato, as aulas começaram no dia 5 de fevereiro, uma segunda-feira, mas durante toda a semana anterior — de 29 de janeiro a 3 de fevereiro —, o Colégio esteve discutindo calendários e projetos para o resto do ano.

Nos primeiros dias da semana, reuniram-se apenas os coordenadores, para começar a pôr ordem nas coisas. De quinta a sexta, todos os professores e inspetores estiveram presentes, nos seus horários e turnos, acompanhando a programação. Foram apresentadas quatro oficinas, batizadas de “Trabalho de Formação”. A distribuição dos temas foi feita de modo que mesmo quem estivesse no Colégio em apenas um turno, pudesse assistir a todas.

Na primeira oficina, a psicóloga responsável pelo Serviço de Orientação Educacional (SOE), Patrícia Rubim, falou sobre “A formação da sexualidade na infância e na adolescência”. Na oficina de informática, Esther e Bia apresentaram as possibilidades de se utilizar a Internet como ferramenta no trabalho em sala de aula. A fonoaudióloga Rosane Goldenberg

conversou com os presentes sobre o tema “Como usar e preservar a voz, nosso instrumento de trabalho”. Por fim, a professora de português Vera Bomfim (ver entrevista na pág. 3) deu dicas sobre “Como formular e avaliar questões de provas”.

## Grupos de discussão

Mas a semana ainda não tinha acabado e boa parte do conteúdo ficou guardado para o sábado, quando todos estariam juntos.

Nas duas primeiras horas da manhã, Pe. Lauro apresentou a Campanha da Fraternidade deste ano, cujo tema é “Vida sim, drogas não”. Em seguida, os professores foram separados em grupos por disciplinas — turma do português, da matemática, etc. — para discutirem a programação do ano 2001, lançarem dicas de como dinamizar ainda mais o ensino e gerarem projetos de alterações no currículo.

A idéia é que temas novos, que despontam como de grande importância, possam, em breve, ser acrescentados no currículo. Um exemplo? Parece consenso que, em tempos de “Projeto Genoma” e leitura de DNA, o estudo da genética tem que ir muito além das descobertas de Mendel. O desafio é como inserir este e outros temas (como a física quântica), acompanhados de uma discussão ética, no programa dos cursos da melhor forma e no melhor tempo possível. Para isso, serão formados, entre os professores, grupos de estudo para um maior aprofundamento dos assuntos selecionados.



Com essa finalidade, o calendário do Colégio já prevê três tipos de reuniões com professores durante todo o ano. Em algumas, eles estarão agrupados por disciplinas; em outras, por séries; após essas duas, serão reunidos todos, sem categorização. “Queremos atender tanto a horizontalidade quanto a verticalidade”, explica Nina, coordenadora pedagógica. Pelas contas da direção e da coordenação, devem acontecer cerca de quatro reuniões de cada tipo até o fim do período letivo.

## Contato com os pais

Mas o período pré-começo das aulas não movimentou apenas o pessoal do Colégio. Em reuniões marcadas por série, os pais foram convidados a comparecer ao São Vicente para dar início à parceria Família-Escola.

Nessas reuniões, tratou-se das mudanças — não apenas curriculares — inerentes à passagem de uma série a outra, chamando a atenção dos pais para as novas dificuldades e necessidades dos filhos.





# ERTOS



Além disso, foram apresentados alguns esquemas de trabalho com os alunos, a grade de disciplinas e o calendário anual.

Dando as boas vindas aos pais, Pe. Lauro desejou que todos ali se sentissem sempre acolhidos quando chegassem ao São Vicente. Destacando a importância da presença dos pais no Colégio, ele avisou: “Esta não é uma reunião burocrática, é um encontro de amigos”. E concluiu: “Somente com afeto se faz educação”.

## Com a chegada das aulas

Com a tripulação bem posicionada, chegaram, finalmente, os alunos. No total, foram 43 turmas e o diretor visitou uma a uma, recepcionando a garotada. Para cada turma, uma palavra diferente.

Uma vez dada a largada, começam outras preocupações. A turminha do Ensino Fundamental, por exemplo, teve uma surpresa. Até o ano passado, eles faziam um passeio de confraternização no final do período de aulas. Para 2001, esse esquema foi modificado e o passeio passou para o início do ano. “Eles precisam se integrar antes de começarem a conviver”, explica a coordenadora do Ensino Fundamental, Marlene Bluhm. No sábado 17 de fevereiro, então, os miúdos acordaram cedo e partiram do Colégio em direção ao sítio “Márcia e Mônica”.

A alunos, professores e funcionários, a mensagem do São Vicente estava dada: “sejam bem-vindos”. ■

Ana Beatriz de Noronha  
Cátia Guimarães

## Os Estatutos do Homem\* (Ato Institucional Permanente)

A Carlos Heitor Cony

### Artigo I

Fica decretado que agora vale a verdade. agora vale a vida, e de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira.

### Artigo II

Fica decretado que todos os dias da semana, inclusive as terças-feiras mais cinzentas, têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

### Artigo III

Fica decretado que, a partir deste instante, haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra; e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança.

### Artigo IV

Fica decretado que o homem não precisará nunca mais duvidar do homem.

Que o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento, como o vento confia no ar, como o ar confia no campo azul do céu.

### Parágrafo único:

O homem, confiará no homem como um menino confia em outro menino.

### Artigo V

Fica decretado que os homens estão livres do jugo da mentira.

Nunca mais será preciso usar a couraça do silêncio nem a armadura de palavras. O homem se sentará à mesa com seu olhar limpo porque a verdade passará a ser servida antes da sobremesa.

### Artigo VI

Fica estabelecida, durante dez séculos, a prática sonhada pelo profeta Isaías, e o lobo e o cordeiro pastarão juntos e a comida de ambos terá o mesmo gosto de aurora.

### Artigo VII

Por decreto irrevogável, fica estabelecido o reinado permanente da justiça e da clareza, e a alegria será uma bandeira generosa para sempre desfaldada na alma do povo.

### Artigo VIII

Fica decretado que a maior dor sempre foi e será sempre não poder dar-se amor a quem se ama e saber que é a água que dá à planta o milagre da flor.

### Artigo IX

Fica permitido que o pão de cada dia tenha no homem o sinal de seu suor. Mas que sobretudo tenha sempre o quente sabor da ternura.

### Artigo X

Fica permitido a qualquer pessoa, qualquer hora da vida, uso do traje branco.

### Artigo XI

Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama e que por isso é belo, muito mais belo que a estrela da manhã.

### Artigo XII

Decreta-se que nada será obrigado nem proibido, tudo será permitido, inclusive brincar com os rinocerontes e caminhar pelas tardes com uma imensa begônia na lapela.

### Parágrafo único:

Só uma coisa fica proibida: amar sem amor.

### Artigo XIII

Fica decretado que o dinheiro não poderá nunca mais comprar o sol das manhãs vindouras. Expulso do grande baú do medo, o dinheiro se transformará em uma espada fraternal para defender o direito de cantar e a festa do dia que chegou.

### Artigo Final

Fica proibido o uso da palavra liberdade, a qual será suprimida dos dicionários e do pântano enganoso das bocas. A partir deste instante a liberdade será algo vivo e transparente como um fogo ou um rio, e a sua morada será sempre o coração do homem.

Thiago de Mello  
Santiago do Chile, abril de 1964.

\* Nas paredes do Colégio, cartazes com trechos desta poesia aguardavam os alunos na volta às aulas.

# Um homem à fr

**D**a turma que atualmente forma o São Vicente, muito pouca gente o conheceu, embora todos tenham ouvido falar dele. Mas a meninada do Colégio hoje não sabe detalhes da vida do homem que um dia, passeando pela rua Cosme Velho, viu uma casa velha e vislumbrou uma escola que se tornaria o que o São Vicente é hoje.

Seu nome: Joaquim da Silveira Horta, um padre empreendedor que, dentre tantas outras grandes obras, idealizou e construiu o Colégio São Vicente de Paulo.

Pe. Horta — como era conhecido — nasceu em Pouso Alto, Tijuca, na cidade que hoje se chama Juscelino Kubitschek, Minas Gerais, em 1907. Entrou no seminário aos 18 anos e foi ordenado padre em 1933, aos 26, no Seminário de Petrópolis, onde estudou Filosofia e Teologia.

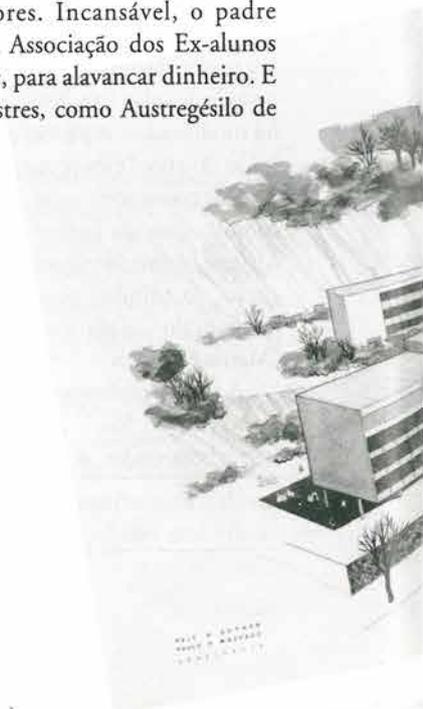
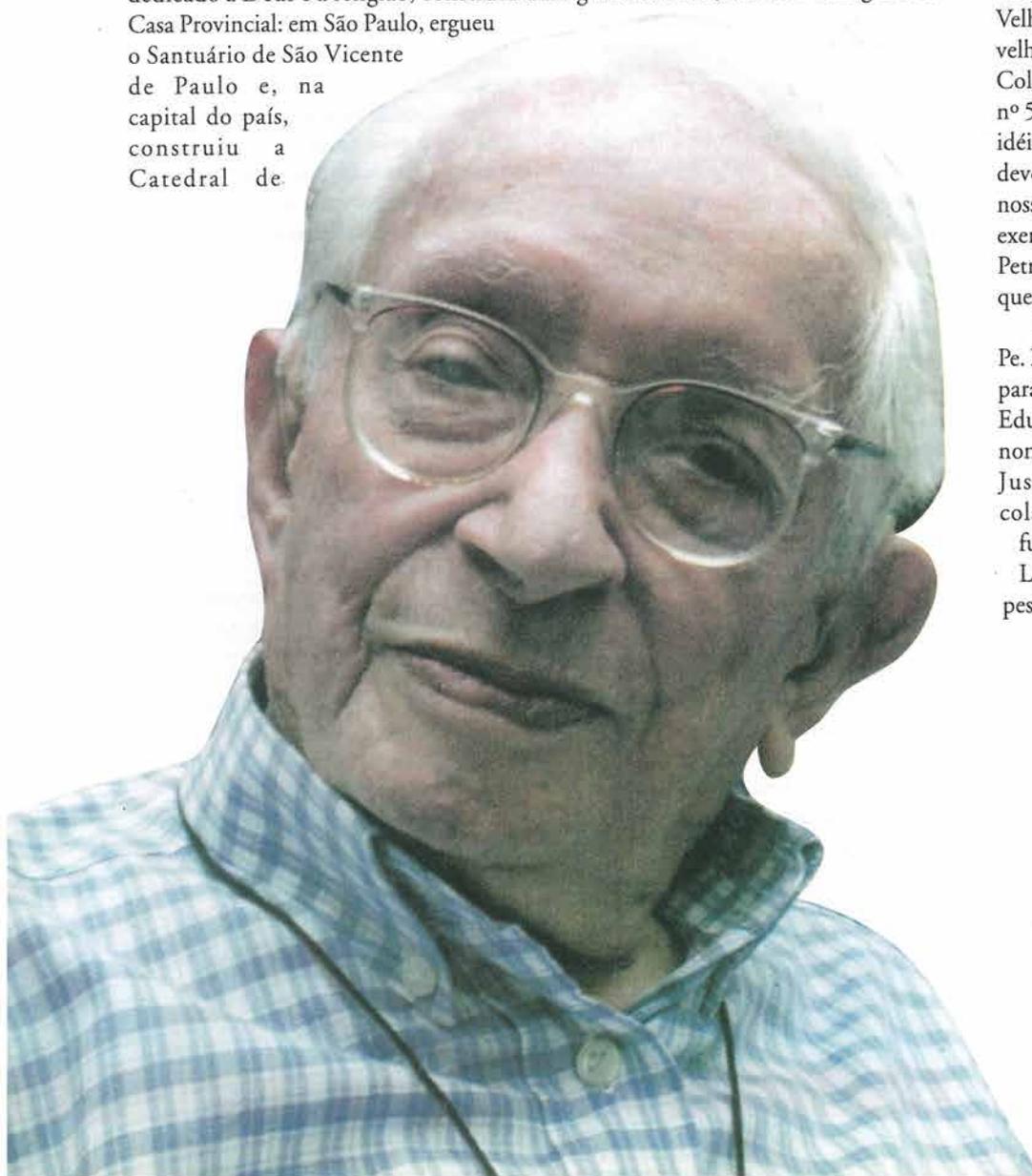
Ao longo de 93 anos de vida, Pe. Horta passou por muitos lugares, deixando sua marca de religioso e de um homem à frente de seu tempo. Como um servo dedicado a Deus e à religião, construiu duas grandes obras, além do Colégio e da Casa Provincial: em São Paulo, ergueu o Santuário de São Vicente de Paulo e, na capital do país, construiu a Catedral de

Brasília. O fato é que a vida de Pe. Horta não pode ser dissociada do Colégio que ele fundou e do qual foi o primeiro diretor e da cidade para a qual, aos 90 anos, ele voltou para viver seus últimos momentos de vida.

## A Casa Provincial e o São Vicente

Pe. Horta veio para o Rio de Janeiro com a missão de construir uma sede para os padres vicentinos, a pedido do Cardeal Dom Jaime Câmara. Mas ele quis mais do que isso. Ao se deparar, na rua Cosme Velho, com um terreno cheio de casas velhas, lhe ocorreu fazer também um Colégio. Em entrevista à revista chama nº 58, de abril de 1999, ele explicou: “A idéia partiu de minha convicção de que deveríamos retornar às nossas origens, à nossa tradição de educadores do Brasil, a exemplo do Caraça e dos colégios de Petrópolis e de Curitiba”. Eram mais do que simples palavras.

Um homem de importantes relações, Pe. Horta movimentou mundos e fundos para arrecadar dinheiro para construir o Educandário São Vicente — primeiro nome do Colégio. O então presidente Juscelino Kubitschek foi um dos colaboradores. Incansável, o padre fundou a Associação dos Ex-alunos Lazaristas, para alavancar dinheiro. E pessoas ilustres, como Austregésilo de



# ente do seu tempo



Athayde e Dom Hélder Câmara, passaram por lá. O resultado nem é preciso perguntar. Basta olhar em volta: a obra tinha muita consistência.

## Compromisso com o futuro

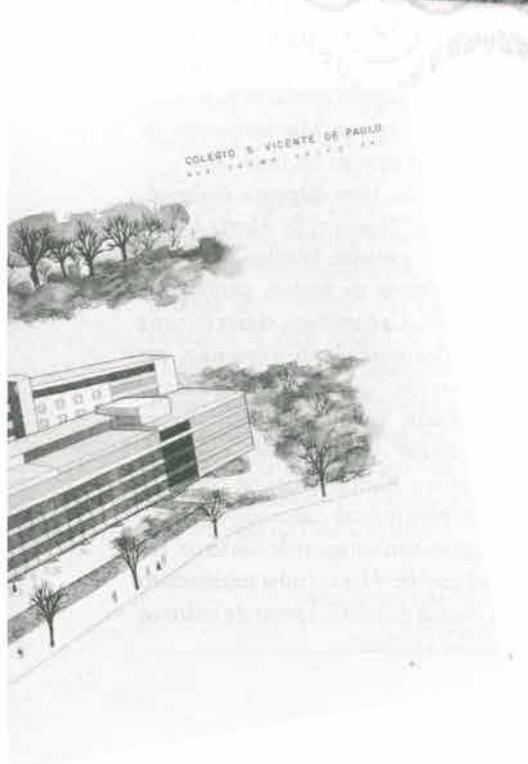
Aqueles que conviveram com Pe. Horta são unânimes em classificá-lo como um homem inteligente, bem informado e sintonizado com o que havia de novo no mundo. Aliado a isso, dono de um bom gosto incomparável.

Tanto nos grandes acontecimentos quanto nos pequenos detalhes, pelas coisas que construiu percebe-se que Pe. Horta não passou pela vida apenas como mais um. Ergueu e dirigiu um Colégio que se destacou, desde o nascimento, tanto pela filosofia quanto pela estrutura. “Naquele época, a comida do São Vicente já era servida em travessas de aço inoxidável”, conta a coordenadora do Ensino Fundamental, Marlene Bluhm. Funcionária da escola desde o seu segundo ano de funcionamento, Marlene tem muitas histórias para contar. “Organizador de festas glamourosas, Pe. Horta trouxe até as mulatas do Sargentelli para se apresentar em comemorações do Colégio”, lembra. Para explicar esse

comportamento, ela opina: “Ele tinha uma visão lata e muito profunda das coisas”.

Quase 40 anos de trabalho e convivência produzem mesmo muitas histórias. E Pe. Horta foi protagonista de algumas, às vezes até sem saber. Quando foi ao São Vicente pedir emprego, tendo recebido a dica de uma conhecida, no meio da rua, num momento de pressa, Marlene não tinha muita certeza do nome da pessoa a quem deveria procurar. Chegando à recepção, ela pediu: “Eu gostaria de falar com a D. Patriota”, ao que o atendente respondeu: “D. Patriota?! Não seria Pe. Horta?”. Sem jeito, ela disse a única coisa que lhe restou: “Serve”.

E ela não é a única. A chefe de cozinha da Casa Provincial do São Vicente, Maria Emília, hoje com 73 anos, foi contratada pelo próprio Pe. Horta antes mesmo da fundação do Colégio. Acompanhou, portanto, a trajetória do padre, desde quando foi diretor. Ainda há poucos meses, no horário das refeições, ele reclamava quando ela colocava cenoura na sopa: “Mais de 40 anos fazendo a mesma coisa e você ainda não aprendeu a preparar uma sopa”, dizia. E, para completar a “bronca”, brincava: “Não se





esqueça de que fui eu que lhe contratei, posso colocar você na rua”.

Homem de hábitos finos, comia pouco, mas fazia questão de uma boa comida. Adorava filé mignon e um linguado assado. E nunca dispensava um vinho ou uma dose de uísque.

Maria Emília conta que, orgulhoso, até muito recentemente, com a saúde debilitada, ele não admitia não ir à mesa para almoçar ou jantar com os outros padres. Se aconselhado a ficar na cama, recusava: “Vou, para todos saberem que ainda estou vivo”, afirmava.

#### Uma fortaleza

Um homem exigente, metódico e rígido em relação à frequência e à pontualidade dos funcionários, quando à frente do Colégio, Pe. Horta também

controlava os hábitos dos alunos. Nas refeições, todos tinham que comer verduras. Mas, sobretudo, todos tinham que comer. O ex-aluno José Guimarães, hoje com 50 anos, lembra perfeitamente da imagem do diretor andando no meio do refeitório para verificar se todos estavam se alimentando. “Quando a gente não queria alguma coisa do prato, a chance era jogar para debaixo da mesa, escondido. Naquela época, todo mundo fazia isso”, diverte-se. Mas faz questão de esclarecer: “A comida era muito boa”.

Dinâmico, bem disposto, enérgico, trabalhador. “Nunca vi Pe. Horta doente ou triste”, garante Marlene Bluhm. Andava sempre de batina, penteado e perfumado. Carismático, dono de uma invejável capacidade de expressão, era uma pessoa que jamais passava despercebida. “Eu o via como uma figura meio imperial”, confessa José Guimarães.

Marlene Bluhm o define como “o homem para realizar coisas impossíveis”. E ninguém tem coragem de contestar. Ela completa: “Pe. Horta tinha muito claro qual era sua missão e, apesar de todos os percalços, realizou”.



Quem acompanhou seus últimos anos de vida pôde perceber que a força não era só imagem. Em 1998, ele voltou para o Rio, para viver na Casa Provincial do Colégio que representa sua fé e suas obras ao longo do caminho. Pe. Horta lutou pela saúde e pela vida. Morreu, em 11 de novembro de 2000, aos 93 anos.

Ele se foi, mas seu trabalho ficou. Na missa que antecedeu o enterro, o atual diretor do Colégio, Pe. Lauro Palú, resumiu o que estava se passando. “Enquanto rezamos aqui pela alma de nosso fundador, lá embaixo crianças e jovens estão fazendo provas para ingressar no São Vicente no próximo ano. A vida segue. E a obra de Pe. Horta, o Colégio São Vicente de Paulo, continua”. ■

Ana Beatriz de Noronha  
Cátia Guimarães

## PEQUENAS INVENÇÕES

- O pão de forma tinha acabado de ser inventado. Caríssimo, era considerado artigo de luxo. Mas, um homem à frente do seu tempo, Pe. Horta gostava de estar sintonizado com o que havia de mais moderno. E dessa vez não foi diferente: ele introduziu o sanduíche de pão de forma no lanche dos alunos. A novidade era tão chique que as crianças comiam lentamente, mordiscando e fazendo pose.
- Muito antes de se tornar lei, Pe. Horta inventou, no São Vicente, o 13º salário. O ano era 1962 e, como presente de final de ano, o diretor deu a todos os funcionários o equivalente a um salário inteiro.
- Nos uniformes dos professores, Pe. Horta introduziu grandes bolsos que tinham a finalidade de guardar, durante o recreio, os relógios das crianças, que não eram antichoque nem à prova d'água.
- Os alunos que tiravam as melhores notas ganhavam sempre uma medalha, entregue pelas mãos do próprio diretor. Não satisfeito, certa vez Pe. Horta criou um prêmio a mais: um depósito de dinheiro, em banco.



# O “nosso” SOE

**T**radicionalmente diz-se que o Serviço de Orientação Educacional é o setor da escola que pensa e atua sobre as dificuldades do aluno no processo ensino-aprendizagem. Os impasses podem ser vários: dificuldades acadêmicas, deficiências físicas, problemas emocionais ou crises adaptativas. Deste modo, os agentes dessa equipe (Orientadores Educacionais e Psicólogos) são vistos como aquelas pessoas capazes de resolver problemas. Eles devem, por exemplo, conhecer como as estruturas mentais são formadas nas diversas faixas etárias e ser capazes de perceber a adequação dos currículos às diferentes etapas do desenvolvimento. Isto sem falar na compreensão da função da disciplina nas instituições educativas: fim ou instrumento?

Durante os meus três primeiros anos de vida profissional atuando em outra escola, segui o modelo proposto pelos ensinamentos da faculdade de psicologia e assumido pela maioria dos colégios. Só que, no início dos anos 70, eu já tinha lido Paulo Freire, em textos

mimeografados, distribuídos pelo Pe. Dario quando vinha participar da missa dos jovens, aos sábados, aqui no Colégio São Vicente de Paulo. Devo ter entendido metade do que li, mas fui fisgada! E mesmo cumprindo o que me era exigido, lembrava: a educação tem que ser vital, interessante e dar lugar ao sonho; ela é um instrumento que nos permite descobrir como nos colocar na realidade.

Hoje não sou mais capaz de falar genericamente sobre como funciona um Serviço de Orientação Educacional. Posso sim dizer que, no Colégio São Vicente de Paulo, o SOE busca contribuir para que seja possível realizar o projeto educativo da escola. Este projeto, redigido pela comunidade em 2000, estabelece com clareza as linhas de ação do Serviço. Sim, pois além de refletir, agimos. E se não nos cabe como tarefa exclusiva resolver problemas, o que nos resta fazer? Em primeiro lugar podemos afirmar que faz parte da intenção dos profissionais do “nosso” SOE proporcionar um contexto

cooperativo. Como consequência desta intenção, buscamos sempre trabalhar sobre as relações interpessoais. Logo, tratamos do todo e do único, do geral e do singular, do objetivo e do afetivo.

Em segundo lugar não é mais exigido que o Orientador ou Psicólogo seja denunciador do mal-estar institucional. Afinal, qualquer profissional de educação pode (e deve) tomar para si esta tarefa. Porém, aqui no São Vicente, nós do SOE desejamos criar espaços para que caminhemos do mal-estar, para o bem-estar. Esta postura nos desafia a questionar se o nosso conhecimento permite ao outro conhecer e vice-versa. Também exige que pratiquemos um exercício auto-referencial: refletir constantemente sobre nossa própria ação no viver educativo e por último, nos obriga a encarar as limitações do nosso próprio olhar a partir do olhar do outro.

No dia-a-dia atendemos pais, alunos, professores, inspetores, coordenadores, enfim, todos que aqui estão. Ouvimos suas alegrias, tristezas, esperanças, dúvidas e medos. Às vezes somos acusadas (atualmente não temos homens na equipe) “de passar a mão pela cabeça dos alunos”. Também somos tachadas de inflexíveis, quando não cedemos às exigências de alunos que querem continuar na mesma turma. Quando tomamos tal decisão, ela é baseada em muita reflexão e tem por objetivo favorecer o crescimento do aluno. Finalmente, suportamos a frustração de que mesmo com nossas teorias, nosso ver e agir, não nos é possível eliminar resistências, cegueiras e inércias. Afinal estes são os paradoxos que nos permitem o construir e reconstruir de cada momento. ■

REUNIÃO SEMANAL DO SOE



Patrícia Mendes Rubin  
*Psicóloga e Coordenadora do SOE*

# O SÉCULO XX PASSADO A LIMPO

Com fogos, vinho, champanhe, estilhaços e muita confusão, o mundo ocidental deu adeus ao século XX. Com muita festa e pouca reflexão, comemorou-se a chegada do século XXI, como uma promessa de felicidade.

Mas no São Vicente a virada foi um pouquinho mais do que isso. Conscientes de que são — ou serão — cidadãos críticos, a garotada da 3ª série do Ensino Fundamental resolveu passar o século XX a limpo.

Atendendo à proposta de fazer as crianças perceberem e estudarem o tempo físico e o tempo histórico, um trabalho interdisciplinar — envolvendo português, matemática, história, geografia, artes, música e informática, além da biblioteca — desenvolvido no último trimestre de 2000, culminou com a “Festa do Século”, no dia 2 de dezembro.

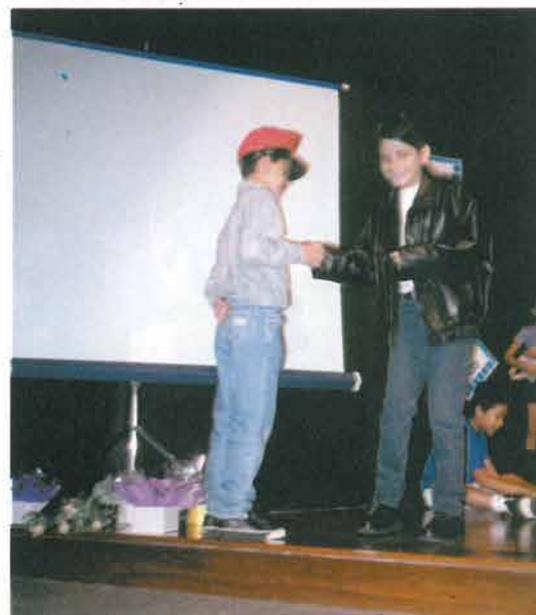
Com uma superprodução, digna de uma oportunidade que vai levar mais 100 anos para aparecer, a pergunta que movia a festa era: o que foi esse tal de século XX?

## Seguindo a linha do tempo

Quatro turmas, quatro décadas. Foram selecionados, para estudo, os anos 20, 40, 60 e 80. Cada turma trabalhou os principais acontecimentos e marcos, políticos, sociais, culturais, artísticos do período por que ficou responsável.

Na linha do tempo da década de 20, o filme “O garoto”, de Charles Chaplin, misturou-se com a invenção do *band-aid*; o surgimento do cinema em cores ficou ao lado da descoberta do túmulo de Tutankâmon; a fundação do jornal “Diário da noite” antecedeu a criação da primeira escola de samba. E tudo terminou com o nascimento da boneca Emília, de Monteiro Lobato. Mas o início do século tinha ainda muito mais para mostrar. Quem ousaria esquecer a Semana de Arte Moderna? Para representar esse período, a turma 23 subiu ao palco do auditório cantando “Odeon”, um tango brasileiro de Ernesto Nazareth.

O início dos anos 40 fizeram a retrospectiva sair da arte e mergulhar no





horror da Segunda Guerra Mundial. Mas logo voltou-se a falar de beleza, lembrando da criação do Museu de Arte de São Paulo e do Museu de Arte Moderna (MAM), no Rio. A criançada foi mais longe: quem nunca ouviu falar no Repórter Esso? E nas radionovelas? Quarenta foi a década de Grande Otelo e Oscarito, no Brasil, e Carmem Miranda fazendo sucesso nos Estados Unidos.

Se para o mundo, começaram mal, para os brasileiros, os anos 40 também terminaram deixando tristeza. Em 1950,

150 mil pessoas lotaram o maior estádio do mundo para chorar a decepção de ver o Uruguai vencer o Brasil na etapa final da Copa do Mundo. Lembrança amarga? Mas a perda do título ficou quase esquecida quando a turma 22 sacudiu a platéia cantando "Ai! Que saudades da Amélia", de Ataulfo Alves e Mário Lago.

Aí veio a meninada da turma 24 mostrar ao público que, um dia, os jovens, de cabelos compridos e roupas rasgadas, praticamente refizeram a ordem mundial. Eram os anos 60,



Ana Carolina T: 24

A descoberta Contra o Câncer.





marcados pela rebeldia, pela revolução e por muitos acontecimentos importantes. Quem passeava pelo São Vicente durante a festa pôde lembrar que essa foi a época da Guerra do Vietnam, do assassinato de John Kennedy, do festival de Woodstock, do Golpe Militar no Brasil, da construção do Muro de Berlim e da chegada do homem à lua. Grandes fatos, grandes nomes. Se a relação está parecendo fácil, vale mais um tópico: quem lembrava que, em 1963, um japonês inventou a

hidrocor? Ponto para a turma miúda. E para celebrar uma década tão movimentada, a garotada apresentou a música "A praça", de Carlos Imperial.

Para encerrar a retrospectiva, a turma 21 apresentou a década do surgimento da Aids, do movimento das Diretas Já, no Brasil, do filme "ET", de Steven Spielberg, do começo do sucesso de Ayrton Senna e da queda do Muro de Berlim. Representando os anos 80, os alunos cantaram "Planeta água", de Guilherme Arantes.

### O tempo de várias maneiras

Naquele sábado, no São Vicente, o século foi apresentado de várias maneiras. Painéis mostravam os principais acontecimentos, filmes lembravam os costumes de cada época, desfiles recuperavam a moda ao longo dos anos. Com uma platéia formada por pessoas de todas as idades, não faltou saudade, nem curiosidade.

Mas tudo isso representava uma época. A busca, implícita em cada demonstração, era por entender o século XX. E a pergunta foi respondida.

Um século rico em descobertas, reviravoltas, construções e destruições foi definido pela palavra "velocidade". Velocidade que veio com a tecnologia e afetou todos os âmbitos da vida. Por isso mesmo, a criançada alertou, um século de contrastes: o triunfo da tecnologia trouxe o progresso na medicina e a devastação ecológica.

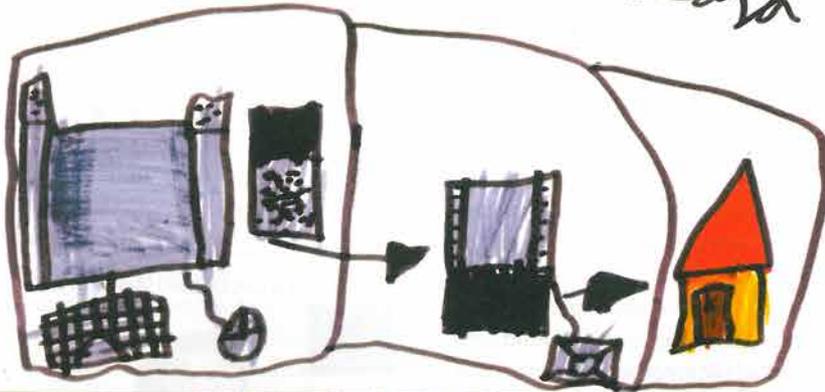
### O século XXI

Repensar o passado faz sonhar com o futuro. Assim os alunos deixaram claro, pelas paredes do colégio, seus "desejos para os próximos 100 anos". E a garotada não quer pouco não...

Eles foram dos sonhos mais utópicos — paz no mundo, fim da poluição e da violência, eliminação do vício do cigarro — aos mais futuristas — televisões voadoras, cápsulas que carregam uma casa dentro, robôs que fazem café, almoço e jantar, e ainda arrumam tudo. Na turma 23, Yan confessou: "Eu queria ir para a escola teletransportado". ■

Ana Beatriz de Noronha  
Cátia Guimarães

PEDRO C. T. 23 Eu queria que todo o mundo tivesse um computador que viria laptop que viria casa



# Nas férias, de volta ao trabalho



**D**e 17 a 26 de janeiro, enquanto os cariocas, em férias escolares, lotavam as praias fugindo de um calor quase inacreditável, o grupo missionário do Colégio São Vicente invadia, mais uma vez, o sertão da Bahia, munido de livros, planos de aula e muita disposição. É o “Projeto Social Cocos”, apresentado na última edição da “chama”, que teve mais uma etapa importante.

Como um processo natural, a turma engajada no projeto vem crescendo a cada viagem e, dessa vez, a expedição contou com 13 pessoas. Além dos veteranos — Pe. Maurício, Edna, Noêmia, Rosa, Márcia Vieira, Zé Du, Lauro Basile e Gilberto —, foram cinco novatos — as professoras Malu e Lúcia Maria, que ensinaram português; Marlúcia e Sônia, de matemática; e Lívia, sobrinha do Pe. Maurício.

Nas visitas anteriores, registrou-se que os professores da região precisavam de aulas de algumas disciplinas fundamentais. Por isso, o grupo foi reforçado com professores de português e matemática. Outros temas tratados foram

“projeto pedagógico” e “técnicas de redação”. A turma se preparou, elaborou estratégias e partiu. “Saímos daqui conhecendo bem nossa proposta. Os trabalhos estavam muito integrados”, conta Marlúcia, uma das novatas. Eles só não contavam com o volume da procura. A quantidade de gente interessada fez com que tivessem que formar quatro turmas diferentes. Ao todo, se apresentaram mais de 300 professores, cerca de 120 a mais do que na última viagem. Tudo isso porque o município de Cocos abriu um concurso para o magistério, o que fez com que a cidade se mobilizasse em busca da qualificação adequada.

Alguns pauzinhos tiveram que ser mexidos, mas nada que comprometesse o trabalho a que eles se dispuseram. O alvo eram os chamados **professores multisseriados** — a maioria —, que dão aula para alunos de várias séries ao mesmo tempo, numa mesma turma. E os educa-

dores vicentinos foram bem preparados. “Levei para lá o projeto ‘jogos na matemática’, para ensinar através do lúdico. Deu muito certo”, conta Marlúcia.

Os resultados são festejados em toda parte. “O que esse grupo está fazendo em Cocos é mais que uma mera reciclagem acadêmica, é uma educação mais libertadora, que busca formar professores para a vida. Na área de educação esse é um trabalho pioneiro”, opina Irmã Else Terhorst, de 53 anos, que pertence à ordem das Irmãs Franciscanas da Penitência da Caridade Cristã e faz parte da liderança religiosa da cidade, onde vive há 13 anos.

Dever cumprido, prazer despertado. Com essa expedição, Cocos ganhou mais admiradores apaixonados e o projeto, novos militantes. Malu, outra estreante, se deslumbra: “Eu imaginava uma coisa difícil e até triste. O que vi foi um povo bonito, alegre, simples, mas feliz”. E completa: “Eu aprendi muito mais do que o pouco que pude dar a eles”. ■

Ana Beatriz de Noronha  
Cátia Guimarães  
Fotos: Lauro Basile

IRMÃ ELSE, EM CÔCOS E NO SÃO VICENTE.





# Essas mulheres incansáveis

**A** Associação das Voluntárias da Caridade de São Vicente de Paulo, Núcleo do Colégio São Vicente, existe há 40 anos. Sua finalidade é dar assistência aos pobres, inclusive com visitas domiciliares.

Hoje em dia, no entanto, dois fatores dificultam a realização das visitas: o número reduzido de voluntárias e a insegurança no acesso aos morros. Mas isso não impede que o grupo siga em frente com a sua missão.

Atualmente, 36 famílias, previamente inscritas, moradoras das comunidades do Cerro Corá, Guararapes, Vila Cândido, Prazeres e Vila Alice, recebem, mensalmente, sacolas com alimentos e, uma vez por ano, cobertores. Quando necessário, a Associação fornece também materiais de construção, caixas d'água e botijões de gás. Além disso, muitas vezes, surge a necessidade de se fazer pagamento de passagens, contas de luz, enterros etc.

Como se isso não fosse o bastante, ainda aparecem aqueles pedidos de ajuda de pessoas de fora da comunidade. Como boas seguidoras de São Vicente, o grupo amplia seu trabalho e lá se vão cestas básicas para pessoas doentes e impossibilitadas de trabalhar, enxovais para gestantes e roupas usadas para aqueles que necessitam.

O trabalho, porém, não se limita à ajuda material, pois nem só de pão vive o homem. Atentas a isto, as Voluntárias organizam, mensalmente e sempre com muito carinho, uma festa de aniversário para seus assistidos. Datas especiais, como a Páscoa, os dias das Mães, dos Pais,



dos Idosos, das Crianças e o Natal, são mais um motivo para comemorar e promover momentos de convívio e trocas pessoais.

Para os idosos cadastrados no Núcleo, já está sendo desenvolvido mais um projeto: o de recreação. Como se pode ver, brincadeira não é só coisa de criança. É algo muito sério quando se transforma num instrumento eficaz de resgate da dignidade humana.

Se você ainda acha pouco tudo que esse grupo de abnegadas senhoras faz, lembre-se que tudo isso custa dinheiro e que, se dinheiro não cresce em árvores, é preciso trabalhar muito para consegui-lo.

Levantar recursos para desenvolver tantas ações também requer desprendimento, habilidade, esforço e credibilidade.

Desprendimento, porque elas pagam para trabalhar. Mentira? Não, verdade. Parte da renda das Voluntárias vem de mensalidades que elas mesmas pagam.

Habilidade, porque duas vezes por ano, em janeiro e novembro, elas

montam um bazar com peças de artesanato feitas por elas. E quando é preciso, ainda apelam para um divertido bingo beneficente.

Esforço e credibilidade, porque só dessa forma elas conseguem arregimentar colaboradores e captar as doações tão indispensáveis ao trabalho, como a ajuda mensal dada pela APM.

“Fazei tudo o que puderdes e Deus fará o resto”, disse São Vicente. Ele disse e elas acreditam e põem o ensinamento em prática. ■

Ana Beatriz de Noronha  
Cátia Guimarães

*Colaboraram: as voluntárias do Núcleo*



# UM PEDAÇO DE

“Fica quieto menino! Senão vou te mandar pro Caraça”. O que antes era uma ameaça, que os pais faziam aos meninos bagunceiros, virou um prêmio para pessoas de todas as idades. Afinal, ir para o Caraça é viver na terra um pouco do paraíso prometido.

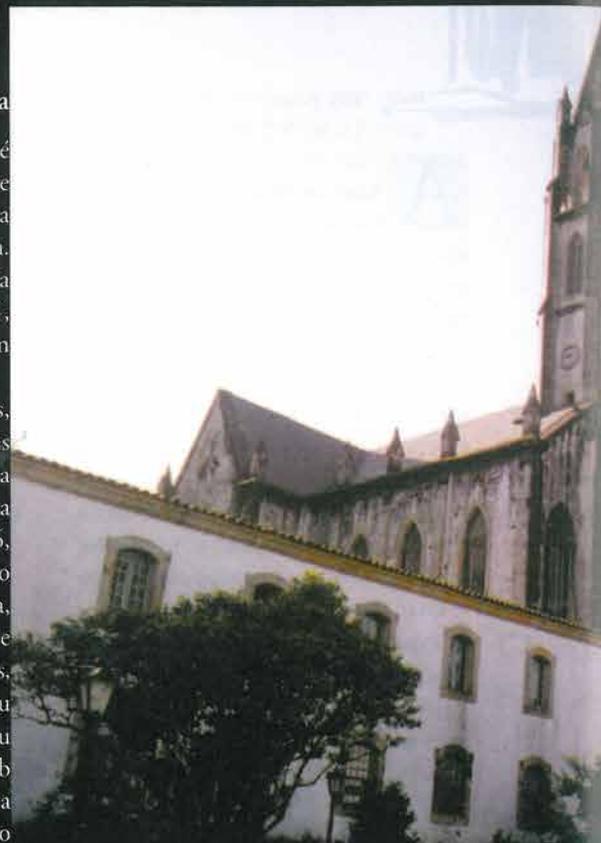
O Santuário Caraça está localizado no Município de Santa Bárbara, em Minas Gerais, a cerca de 120 km de Belo Horizonte. Sua história remonta ao ano de 1774, quando o franciscano Irmão Lourenço de Nossa Senhora, um religioso de origem misteriosa, começou a construir no local a ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens. De lá pra cá, muita coisa aconteceu até que, em 1994, pelo decreto federal 98.914, o Caraça recebeu o status de Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN) e garantiu legalmente a sua preservação como Parque Natural. Tão importante quanto isso, no entanto, foi a possibilidade de se preservar parte importante da história política, religiosa e artística do Brasil.

## Curto passeio numa longa história

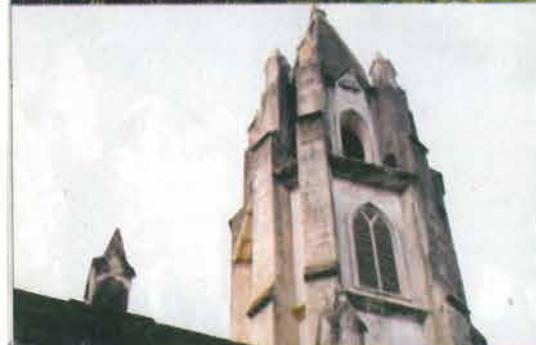
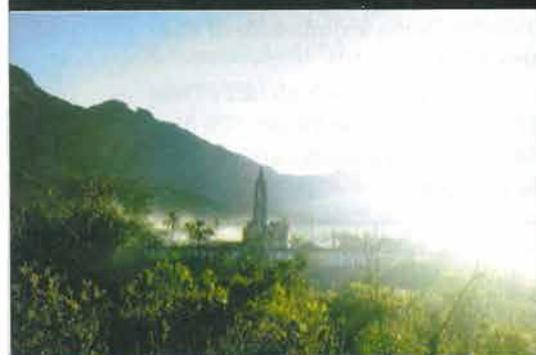
Desde 1920, o Santuário do Caraça é propriedade dos padres lazaristas, que receberam as terras por uma doação feita por D. João VI. Mas nem sempre foi assim.

No início, aquela sesmaria pertencia ao Irmão Lourenço que, em 1774, construiu a capela e ali foi morar com alguns monges franciscanos.

Na época, e por motivos políticos, estava proibida a permanência de ordens religiosas na Capitania e isso dificultava a manutenção da ermida, o que deixava Irmão Lourenço preocupado. Em 1806, ele escreveu em testamento que seu sonho era que, no Caraça, fosse feita uma escola, “um seminário de meninos, onde aprendessem as primeiras letras e mais artes, ciências e línguas”. Irmão Lourenço morreu em 1819 e o tão sonhado colégio começou a funcionar em 1921, com 14 alunos e sob a direção de Pe. Leandro, um lazarista português. Estava inaugurado o período descrito como o do Caraça Português.



NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, NA FRENTE DA IGREJA.



# CÉU NA TERRA



Rapidamente a fama do Caraça, como centro de excelência acadêmica, cresceu e o número de alunos crescia na mesma proporção. Mas nem tudo foram flores. Problemas internos na Congregação das Missões, a aversão aos portugueses, causada pelos movimentos de independência, e acusações contra a direção do Colégio, acabaram causando, em 1842 e sob as ordens de Don Viçoso, a transferência dos alunos para Campo Belo, no Triângulo Mineiro. O Caraça ficou abandonado e essa situação permaneceu até 1854, quando a chegada de padres franceses inaugurou uma nova fase para o Santuário. Nesta época, além do Colégio, passou a funcionar o Seminário Maior.

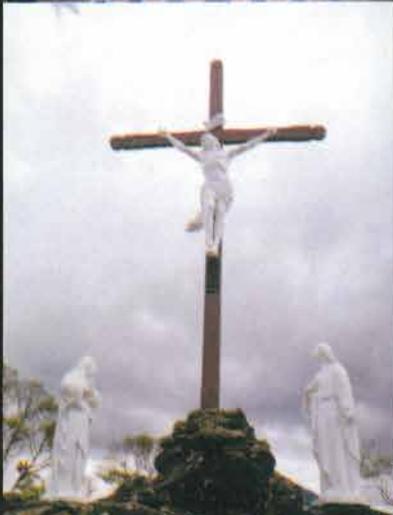
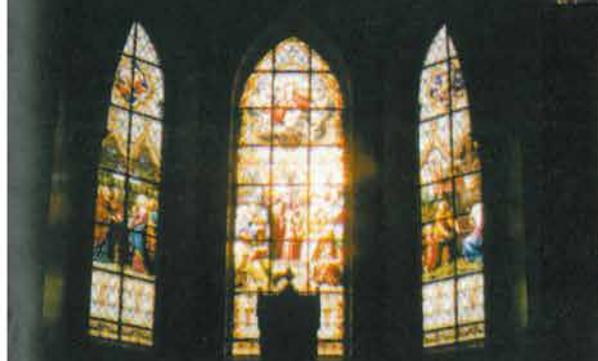
A DIREITA, "A CEIA DE ATAÍDE" E O ALTAR-MÓR  
ABAIXO, CAMA COM BRASÃO DE D. PEDRO II  
(MUSEU) E CRUZ DA VIA SACRA



O período do Caraça Francês durou até 1903. A partir daí, padres brasileiros assumiram o comando da instituição.

Em 1912, foi fechado o Colégio de onde saíram centenas de religiosos e um número impressionante de pessoas proeminentes no cenário político e cultural brasileiro, inclusive os presidentes da república Artur Bernardes e Afonso Pena, e o Caraça passou a existir apenas como Escola Apostólica.

O Colégio foi reaberto em 1928 e funcionou até 1968, quando um incêndio destruiu completamente suas instalações e transformou em cinzas o que havia sido o ideal de Irmão Lourenço. Permanecia, no entanto, a idéia de que o Caraça seria para sempre um centro de irradiação espiritual e cultural.



ACIMA, OS VITRAIS E AS IMAGENS DA IGREJA



### Um berço de arte

Da primeira capela, construída em estilo barroco, pelo Irmão Lourenço, à moderna construção envidraçada, erguida nas ruínas do incêndio, e que hoje abriga o museu e a sala de convenções, muitas marcas foram registradas no Caraça pelas mãos dos homens.

Um dos artistas que lá deixaram sua assinatura foi Manuel de Ataíde. Principal pintor do barroco mineiro, Ataíde pintou os altares e os púlpitos da capela e, mais tarde, foi convidado para pintar sua mais famosa obra: "A Ceia de Ataíde".

A bela capela barroca, no entanto, ficou pequena para a grandiosidade do Santuário e, para substituí-la, começou a ser erguida, pelo Pe. Julio Clavelin, em 1876, aquela que seria a primeira igreja em estilo neogótico no Brasil. Muitas outras obras foram feitas nos mais de 200 anos de existência do Caraça e, atualmente, todos os estilos convivem lado a lado, para deleite dos turistas.

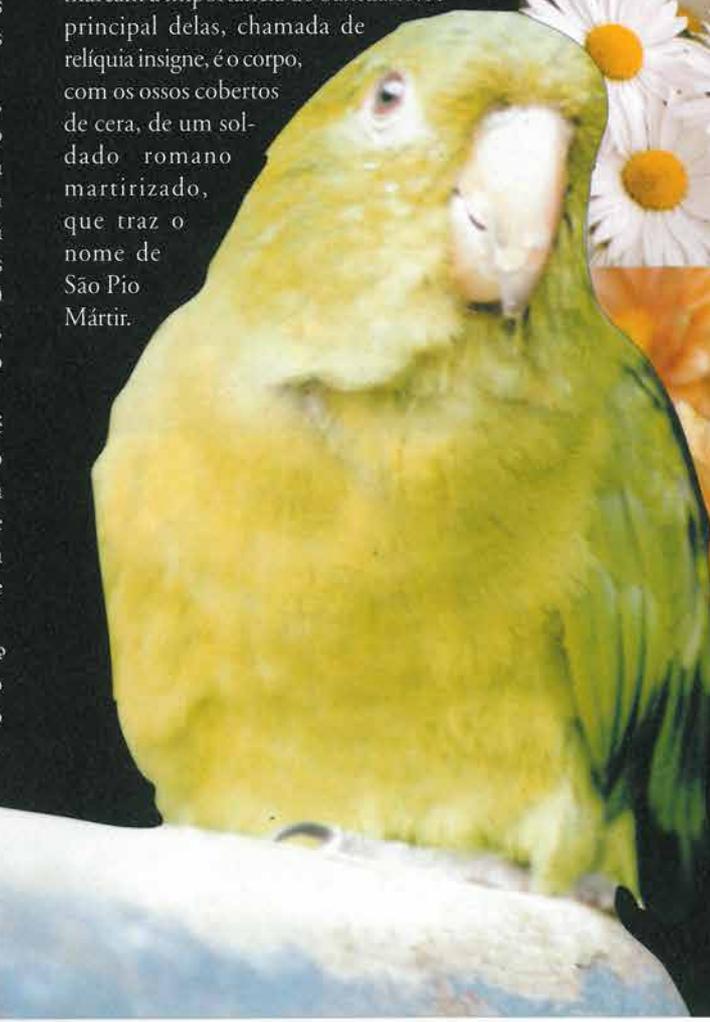
O adro da igreja, por exemplo, é herança ainda da época do Irmão Lourenço, bem como a imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens, que veio de Portugal, em 1784, para reinar soberana no Altar-Mór da igreja, onde permanece até hoje.

São cinco os grandiosos vitrais da igreja. Eles representam o nascimento

de Jesus, a apresentação de Jesus no templo, a conversa de Jesus com os doutores, a Sagrada Família e Jesus nas bodas de Caná.

E se os olhos dos visitantes ficam em festa no Caraça, os ouvidos são agradecidos pela existência de um órgão, cuja origem exata é desconhecida, mas cuja beleza e sonoridade já encantavam todos na inauguração da igreja, em 1883.

As relíquias vinda da Santa Sé também marcam a importância do Santuário. A principal delas, chamada de relíquia insigne, é o corpo, com os ossos cobertos de cera, de um soldado romano martirizado, que traz o nome de São Pio Mártir.





E se os homens lá deixaram suas maravilhas, há quem considere a natureza que circunda todas elas como uma das obras-primas de Deus.

### O Parque Natural

Foi a natureza local uma das coisas que sempre encantaram a todos os visitantes. O nome Caraça foi dado pelos bandeirantes, que identificaram, no contorno das montanhas, o perfil de um gigante.

À sesmaria de Irmão Lourenço, foram anexadas diversas outras propriedades e hoje, o Parque Natural do Caraça conta com 11.233 hectares. O clima é considerado suave e ameno, cujos extremos, zero e 28 graus, raramente são atingidos.

Cercado de montanhas, o Parque possui em seus limites inúmeros picos, como o do Cruzeiro, o da Carapuça, o da Verruguinha, do Inficionado e muitos outros. Também são comuns as grutas, como a de Lourdes, do Padre Trombert e da Bocaina.

As cachoeiras e açudes formam um capítulo à parte. A da Cascatinha, por exemplo, tem 40m de queda e só é chamada no diminutivo por causa da Cascatona, cuja queda d'água de 100m mereceu anotação no diário de D. Pedro II: "A Cascatona e a vida são belíssimas".

A flora da região atraiu muitos pesquisadores estrangeiros. Com terras que vão de 750 a 2100m, o Caraça apresenta uma vegetação diversificada que vai desde a floresta tropical até a vegetação dos terrenos rochosos. Entre os cientistas que estiveram no Caraça, está Von Martius, que se encantou com a flora medicinal da região. Mais de 200 espécies de orquídeas também foram identificadas na área.



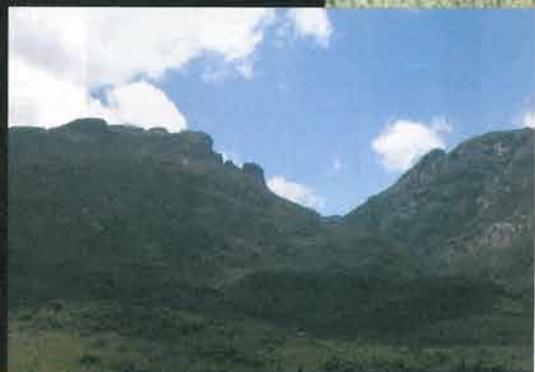
E se a flora é deslumbrante, a fauna não fica atrás. Desde os pequenos insetos ao famoso lobo guará, estão todos lá, enriquecendo o ecossistema caracense. Dos pássaros, fora o canto que encanta os ouvidos, as cores que incendeiam os olhos.

É fácil identificar pegadas pelo chão. Se ficar quieto, o visitante do Caraça certamente terá oportunidade de ver gambás, tatus, tamanduás, esquilos, serelepes e muitos outros bichos. Mas a grande atração do Caraça, que já mereceu diversas reportagens, é, sem dúvida, o lobo guará que, todo dia, ao anoitecer, vem buscar comida no adro da igreja. A chegada de tão ilustre "convidado" é sempre motivo de festa e os turistas vibram ao ver o lobo comer na mão do diretor do Santuário.

Bem, uma revista inteira não chegaria para se tentar explicar o que é o Caraça e o que ele representa em termos de história, religião, cultura e natureza. Todos os que um dia mergulharam nos mistérios, na paz e na tranquilidade que envolvem o Caraça têm mil histórias para contar. Se ir para o Caraça já foi castigo um dia... bendito castigo!■

Ana Beatriz de Noronha  
Cátia Guimarães

Fotos: Pe. Lauro Palú e Lauro Basile



# CONTRA A EXC

No dia 10 de novembro de 2000, a brasilidade invadiu o pátio do Colégio. Era o dia da Festa da Cultura, dia de confraternização para os alunos e professores do curso de educação de adultos. O tema da festa, “a cultura popular brasileira” não foi escolhido à toa. A justificativa estava lá, letra por letra, no painel de entrada: “A manifestação da cultura popular é sinal de cidadania”.

Para começar, algumas palavras de Pe. Lauro e um convite irresistível do professor José Fernandes, coordenador do curso: “Que esta festa seja um momento de sonho. Vamos viver a utopia de um Brasil diferente, onde é possível se ver, numa pequena escola do Ceará, crianças e idosos aprendendo juntos a nova linguagem dos computadores. Vamos mostrar o que se faz na nossa escola. Vamos viver a alegria e a esperança por um Brasil melhor. Vamos sonhar!”.

E o que pode haver de melhor para embalar um sonho do que muita música? Só música de boa qualidade. E o tema de abertura da festa não poderia ter sido melhor escolhido: o samba “Aquarela Brasileira”, de Martinho da Vila.

## O clima da festa

“Vejam, esta maravilha de cenário. É o episódio relicário, que o artista, num sonho genial, escolheu para este carnaval. E o asfalto, como passarela, será a tela do Brasil em forma de aquarela...”.

O cenário não podia ser mais colorido. No centro do pátio, uma mesa com frutas refletia o tom da comemoração. Todas as cores da natureza estavam lá. E isso, certamente, se refletia no sorriso de todos os participantes que cantavam, dançavam e conversam com total descontração.



Os alunos não vieram sozinhos. Muitos trouxeram a família para compartilhar o momento de confraternização. José Euzébio, da turma 31, por exemplo, estava lá com a mulher Aleilda e a filha Laís. Para ele, estar estudando no São Vicente é uma vitória, pois mais do que simplesmente ensinar, “os professores procuram desenvolver os talentos dos alunos”. Outro que trouxe a família foi Ivan da Silva, da 1ª série. Ele, a mulher Elizabete e as filhas Bianca e Bruna eram mais uma amostra do clima que envolvia a todos.

E a música ia rolando enquanto o professor Albino, no papel de repórter itinerante, ia colhendo depoimentos e convocando a turma a participar. Para os que gostam de dançar, teve de tudo: samba, pagode, forró, xaxado e muita ciranda, comandada pelas professoras Clautenes e Terezinha.

Mas nem só de música é feita uma festa...

## A CARA DO NORDESTE

Lua que brilha na noite  
Sol que castiga o sertão  
Rios e lagos sem água  
Só rachaduras no chão

Gente pedindo socorro  
Todas precisam de pão  
Verbas que desaparecem  
No meio da corrupção

Por que deserto, se o verde está tão perto?  
Por que tão pobre, se essa terra é tão nobre?  
Tanta beleza, mas também tanta incerteza.  
Se tem riqueza, então por que ninguém descobre?

Enquanto isso, continua tudo errado  
Nosso futuro agonizando no cerrado  
E na mesmice do presente e do passado  
Nossos direitos continuam violados.

*Antonio Feitosa de Araújo (7ª série)*



# LUSÃO: CULTURA



## Brincadeiras e culinária

Se a festa era sobre cultura popular, nada mais justo do que mostrar aqueles brinquedos tão simples e tão encantadores que embalaram a infância de tanta gente e que hoje estão quase esquecidos. Feitos pelos próprios alunos, num trabalho fantástico de resgate cultural, estavam presente as pipas, cataventos, pernas-de-pau, bonecas de pano, andadores de lata, petecas, entre outros.

E não foi só a meninada que aproveitou. Tinha muito marmanjo ensaiando os primeiros passos numa perna-de-pau.

E será que alguém ainda duvida que culinária também é cultura? Se alguém ainda tinha dúvida, era só chegar na barraca de comidas e provar as delícias que alunas, funcionárias e professoras prepararam. Tinha arroz de carreiro, angu à baiana e vaca atolada, um prato feito com aipim e costela. Para acompanhar, muito refrigerante e vinho.



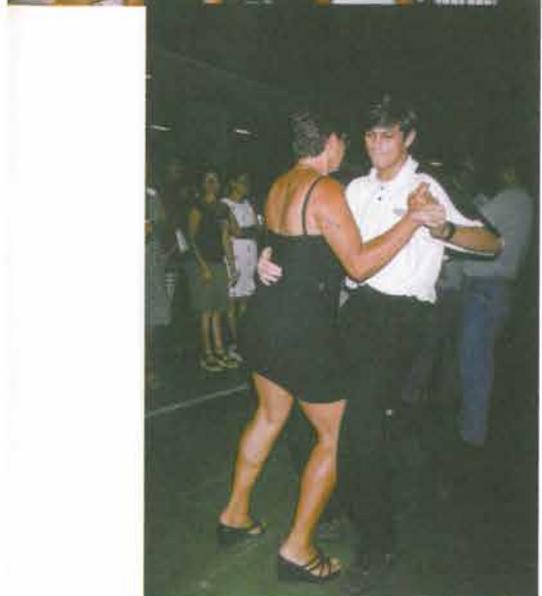
## Mestre Vitalino e outros

No palco, o professor Helcio, de Ensino Religioso, comandava a festa e convidava os alunos a mostrarem seus trabalhos. E teve poesia, pequenos esquetes teatrais, acordeon...

Espalhados pelo pátio, para quem quisesse ver, foram montados diversos painés sobre cultura nordestina. O Nordeste, região de origem da maioria dos alunos do curso, estava representado por trabalhos em argila que faziam referência à obra de Mestre Vitalino. Além dele, outros contemporâneos famosos foram lembrados, como Padre Cícero, Graciliano Ramos e José Lins do Rêgo.

“A gente trabalha muito, mas ver essas pessoas produzindo, se integrando à sociedade, se orgulhando da sua cultura, faz valer a pena”. Nas palavras da professora Sônia Maria, um resumo do sentimento de todos os colegas e na música de Almir Guineto, uma dica seguida à risca por todos os presentes: “Não estou dando e nem vendendo, como o ditado diz. O meu conselho é pra te ver feliz”. ■

Ana Beatriz de Noronha  
Cátia Guimarães



# DANÇA DAS

**T**odo início de ano, é a mesma coisa. O Colégio, por inúmeras razões, precisa remanejar alunos e turmas. As crianças e jovens, afastados de seus antigos colegas, sofrem com a separação e fazem fila na porta do SOE para pedir novo remanejamento. Para muitos deles, o problema será resolvido naturalmente e em pouco tempo as veementes reclamações serão substituídas pela euforia de fazer novos amigos. Para outros, no entanto, a adaptação à nova realidade pode ser mais dolorosa e acabar afetando tanto o rendimento escolar quanto o comportamento no colégio e em casa. Nestes casos, geralmente os pais ficam apreensivos e, muitas vezes, insatisfeitos com os critérios adotados pela Escola.

No São Vicente, as trocas de turma ocorrem geralmente na mudança de um nível de ensino para outro e, principalmente, por questões de ordem pedagógica. Um exemplo disso é a passagem da 4ª para a 5ª série do Ensino Fundamental, quando as quatro turmas de 4ª série se transformam em cinco de 5ª série. Por que razão?

Como explica a orientadora Heloísa Carvalho, o aumento do número de turmas ocorre porque este é um período crítico na vida do estudante e o número de alunos por turma deve diminuir para que eles recebam maior atenção por parte dos educadores: “É como se fosse um ritual de iniciação, tudo muda nessa fase: aumenta a carga horária, o número de professores, o número de matérias e a cobrança sobre o aluno. Isso sem contar que a criança está entrando na adolescência”.

## PREPARANDO-SE PARA AS MUDANÇAS DA VIDA

Mudança e vida são inseparáveis. Não podemos dizer que alguém viveu, sem ter passado por muitas mudanças. Nem podemos dissociar o verbo mudar do verbo viver.

Se a escola – em seu significado mais amplo – é uma preparação para a vida adulta, podemos esperar que, dentro dela seja possível vivenciar mecanismos de mudança, experiências de integração de pessoas e ampliação das relações afetivas.

Vemos a troca de alunos entre turmas, dentro desta ótica, como uma prática saudável.

É claro que se deve aproveitar o “espaço controlado” da escola e praticar estas mudanças de forma cuidadosa: preservar relacionamentos especiais e possibilitar espaços de integração amplos para que as amizades já construídas possam ser mantidas. Encontros periódicos de todo o grupo – como passeios, atividades culturais, feiras e exposições – são alguns exemplos de como tornar possível a manutenção dos afetos e, ao mesmo tempo praticar mudanças de forma positiva.

Quanto mais estas experiências se realizarem de forma tranquila, mais nossos filhos poderão enfrentar mudanças ao longo da vida. Estas chegarão inexoravelmente, com ou sem aviso.

*Helóisa Machado*

Passado esse período, novo troca-troca quando as cinco turmas de 5ª série voltam a ser quatro de 6ª série. Isso certamente traz descontentamento para muita gente. Mas se o processo é inevitável, o que as orientadoras das turmas procuram fazer é torná-lo o mais transparente possível.

O primeiro passo é distribuir entre os alunos uma ficha confidencial, onde eles escrevem até seis nomes de colegas com os quais gostariam de continuar a estudar. O compromisso do SOE é que cada aluno permaneça com pelo menos um desses colegas. Nem sempre isso é fácil. “Algumas vezes...”, diz Heloísa, “... o aluno não é colocado em nenhuma lista ou não é colocado nas listas daqueles que ele acredita serem seus ‘melhores amigos’”. Isso nos causa um problema sério, pois, para preservar o próprio aluno, em hipótese alguma o fato é revelado e ele acaba ficando sem entender o que houve”.

O afastamento dos antigos colegas pode gerar estresse nos alunos e nos pais, que muitas vezes sofrem por verem seus



# CADEIRAS



filhos angustiados. Para os educadores, no entanto, isso é visto como uma aprendizagem que faz parte do processo de crescimento e de enfrentamento da vida.

A idéia básica é de que nos primeiros 15 ou até mesmo 30 dias não seja feita nenhuma troca, pois nesse tempo a maioria dos alunos consegue vencer as dificuldades iniciais e se integrar à nova turma. Mas como cada caso é um caso, as orientadoras sempre tentam arranjar solução para as situações extremas em que a inadaptação é maior. Uma das hipóteses é trabalhar com os alunos para que eles mesmos se encarreguem de encontrar candidatos à permuta. “Dessa forma, a gente incentiva o movimento de relações e o espírito de solidariedade entre eles”, fala Heloísa.

Mesmo com tanta explicação, o assunto é polêmico, gera enormes controvérsias e pode dar origem a uma saudável reflexão. Para iniciá-la, a “chama” convidou Toni Pelosi, pai da Laura (T. 61), que foi trocada de turma pelo segundo ano consecutivo, e Heloísa Machado, mãe do Marc (T. 64). Está aberta a sessão. Com a palavra, os pais. ■



## MUDANÇA DE TURMA OU DE VIDA?

Quem um dia estudou, se lembra... A expectativa do primeiro dia de aula, de novos e desconhecidos colegas aportando no seu mundo/colégio, o medo que algum dos novos professores tivesse parentesco com um pitbull assassino e o receio que a professora de redação pedisse mais uma vez uma redação falando sobre... as férias! Bons tempos...

Mas uma coisa era certa, salvo raríssimas exceções: tanto os “gente fina” quanto os pentelhos de sempre, lá estariam para dar boas vindas (ou começar a pentelhar...). Hoje, as coisas são diferentes, pelo menos em algumas escolas. Talvez inspiradas pela concepção do descartável, muito em voga não só na indústria como também na Música e na Arte em geral, criou-se a concepção da “turma descartável”: nada deve ultrapassar mais de um ano com a mesma formação, pois pode transformar-se num perigoso “*grupinho constante*” e essas coisas mais perenes podem perder o controle... Será isso? Lembro rapidamente (para não doer muito) de uma fase funesta que o Brasil atravessou na ditadura, onde, mais de três pessoas reunidas era “risco de articulação”; mais de dez - Deus me livre! - representava um “aparelho subversivo”, mesmo que fosse para tomar um chopp na esquina.

Volto ao sistema descartável, digo, ao sistema de rodízio de turmas adotado pelos colégios e churrascarias da cidade e uma dúvida me sobressalta: “porque eles querem dispersar os *grupinhos* de alunos que se aglutinam a cada ano? Será que corre algum perigo invisível que nós, pais, não suspeitamos? Será que um convívio maior e com mais constância entre essas pessoinhas pode potencializar a formação de quadrilha? Eles têm medo de perder o controle sobre as feras e serem dizimados por hordas subversivas?”

Relendo o texto acima, parece que entrei numa grande viagem mas, penso cá com meus botões, que outras justificativas de ordem prática ou organizacional eles podem fornecer que suplantem o simples fato que o convívio e a amizade são tudo no mundo? E que quanto mais, melhor? Se não sabemos como administrar essas coisas, temos que aprender como solucionar e não como aniquilar. Cada ano, cada turma é uma vida. Não volta, sem direito a replay. Cada nova *readaptação*, a meu ver, dispersa e retarda, é tempo meio perdido (sim, a gente sempre aprende com as adversidades, mas cá entre nós, haja saco!). Nada contra mudanças, pelo contrário, mas criar laços é fundamental e tudo que facilite e espalhe essa postura deve ser respeitado. Daí pensar que quanto mais *grupinhos*, melhor. A verdadeira mudança está nos caminhos e desafios do convívio... e na multiplicação dos acertos

Toni Pelosi\*

\*Toni Pelosi é luthier, músico e acredita cegamente que, quando se cultivam amizades a longo prazo, a tendência é sempre a de se fazer novos amigos para engrossar a “turma”.

Ana Beatriz de Noronha  
Cátia Guimarães

# Nos caminhos de

“Um homem de Deus”. Assim D. Eunice define o filho, Geraldo Eustáquio Mól, morador da Casa Central do Colégio, que acaba de ser ordenado, tornando-se um padre vicentino.

Tudo começou quando, um dia, após terminar o segundo grau e estar trabalhando como bancário, Geraldo chegou em casa e comunicou que seguiria um caminho diferente do esperado. Tinha resolvido ser padre e pedia a compreensão de todos. Apesar da saudade, para uma família católica, aquilo era uma bênção. Agora, no momento da ordenação, a mãe, devota de Nossa Senhora, não deixa de agradecer: “Foi o melhor presente que Ela poderia ter me dado”.

Quando adolescente, morador da cidade de Mariana, em Minas Gerais, Geraldo Mól trabalhou na cúria com os padres. “Ele foi adquirindo aquela amizade”, conta a mãe, que o caracteriza como honesto e franco, além de um excelente filho, claro.

O diácono Geraldo tornou-se padre no dia 11 de fevereiro deste ano, no Santuário Medalha Milagrosa, na Tijuca, em cerimônia celebrada pelo bispo Dom José Ubiratan. Uma igreja lotada cantou, rezou, e assistiu a testemunhos sobre a fé e a vocação do novo padre.

## CHAMADO OU VOCAÇÃO À VIDA RELIGIOSA

Minha vocação surgiu muito cedo. Sou membro de uma família cristã atuante na igreja. Sempre assumi atividades de liderança em grupos de adolescentes, jovens, etc. Ser padre para mim sempre foi uma questão de realização pessoal, dom, carisma, e, pela fé, chamado de Deus para o trabalho de evangelização.

Não se pode falar de Vida Religiosa sem referência ao seguimento de Cristo. A existência da Vida Religiosa está na dependência direta de um fato histórico: a vida de Jesus Cristo. O Espírito Santo sempre inspirou, na Igreja, cristãos que seguiram Jesus Cristo.

A característica fundamental da vida de Jesus foi a total doação de amor que teve seu ápice com a obediência até a morte de cruz. Antes de voltar para o Pai, constituiu discípulos para que continuassem a sua missão — missão que a Igreja recebe e continua exercendo no mundo. Está plenamente identificado com Cristo aquele que se angustia com a sorte dos homens e se coloca à disposição e se doa totalmente para que todos sejam salvos e tenham “vida e a tenham em abundância” (Jo 10, 10).

Seguir Jesus Cristo é, antes de tudo, viver na fé. É reconhecê-lo no pobre que sofre e imitá-lo através de uma atitude concreta de vida ante os valores universais. O próprio Jesus Cristo revelou sua identidade identificando-se com os pequeninos ao afirmar que consideraria como feito a si próprio tudo o que a eles se fizesse.

Seguir a Jesus Cristo é, ainda, levar sua adesão a ele a tal ponto que se procure imitar o exemplo concreto de sua vida histórica. A existência de cristãos que sentem esta vocação e fazem esta opção é um carisma que o Espírito concede, que nunca faltou e jamais faltará à Igreja. A Vida Religiosa realiza-se nesta forma de imitação de Cristo.

*Pe. Geraldo Eustáquio Mól Santos, C. M.*



Uma das testemunhas, Pe. Getúlio, contou parte da experiência que viveram juntos em Belo Horizonte. “Naquela época, os pobres estavam sendo desalojados de suas casas e ele esteve acompanhando o tempo todo. Conheci o Geraldo como servidor dos pobres”. E garantiu: “Ele se ordena, particularmente, padre vicentino, porque sua vocação é missionária”.



# São Vicente



Num momento de grande emoção da cerimônia, como um gesto de desapego, Geraldo deitou na escada do altar enquanto toda a igreja cantava. Ordenado sacerdote, sua roupa foi trocada e pela primeira vez, ele vestiu uma batina de padre. Suas mãos foram ungidas pelo bispo e, em seguida, amarradas. A mãe, D. Eunice, desatou as fitas e recebeu do filho a primeira bênção.

Ao tomar a palavra, o mais novo padre vicentino fez muitos agradecimentos: "Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus, meu criador", começou. E continuou a lista, lembrando dentre várias pessoas, das Filhas da Caridade, que participaram ativamente da organização daquela celebração: "Agradeço por tudo que fizeram por mim", concluiu.

Naquele mesmo domingo, Às 18 horas, Pe. Geraldo Mól celebrou sua primeira missa, para os jovens.

Na saída, Irmã Else Terhorst, que veio de Cocos, na Bahia, para assistir à ordenação, exibiu um cartaz de homenagem: "Mól, o teu sim hoje engrandece a igreja de Jesus Cristo". ■

Ana Beatriz de Noronha  
Cátia Guimarães



## PADRE PARA SEMPRE

És padre para sempre! Humildemente prostrado aos pés do altar te consagraste à glória do Senhor e ao serviço dos homens.

A luz que te ilumina é luz profana, não a serena luz que desce dos vitrais, mas o clarão de anúncios luminosos.

Os gritos que escutaste, violentos, não são dos teus irmãos, dos que se alegram, são os gritos do pobre chicoteado.

As mãos que se levantam, quando passas, não são para aclamar-te, mas protestam, são mãos feridas de operários despedidos.

Os olhos que contemplas são terríveis, porque não vêem o amor, só vêem o ódio e te envolvem no mesmo ódio universal.

As mães que estão na beira das calçadas não vieram saudar-te, mas morder-te como animais famintos e furiosos.

Mas desde agora e para sempre, és padre! E o mundo quer que sejas totalmente; se não, és traidor dos teus irmãos.

A vida que te espera é pouco mais que o inferno, já não existe mais teu sonho de criança. - Enfrenta a realidade e morre, mas não fujas!

Que tua voz se eleve no louvor, com força, mais alta que as sirenes da polícia e mais alta que o choro das crianças.

Teus braços e tuas mãos, na oração, sejam firmes e fortes como as chaminés das fábricas que crescem na cidade.

Quando as bombas ferirem nossos rostos, os teus olhos intactos vejam o caminho e apontem para o fim que todos nós queremos.

Se a fome nos roer o coração, tu nos darás para comer, ó desgraçado, teu coração vazio e cheio ao mesmo tempo.

Em tuas mãos, a eucaristia seja o pão que distribuis com lágrimas e com fé, nossa força na luta, na vitória.

Não temos nada para oferecer-te, nada inocente neste mundo embrutecido, mas te trazemos a violência dos jornais.

Entre as guerras de irmãos, ouve o gemido, entre o rumor das fábricas, o grito, no desespero, ouve a esperança dos que sofrem.

E te pedimos uma coisa, unicamente: Desfaz-te da ilusão, cresce conosco, no martírio, sê padre totalmente, ó nosso irmão!

São Leopoldo, 7/11/68  
Pe. Lauro Palú, C. M.

# Missão cumprida



As reuniões de pais, no início do ano letivo, foram marcadas pela presença de um representante da APM, que falou sobre a eleição da nova diretoria da entidade, a ser realizada no dia 29 de março.

O comunicado, dirigido aos pais, destacou a importância da participação consciente de todos na escolha do novo grupo que assumirá o comando da Associação durante o biênio 2001/2002. Também foi apresentada a chapa formada no final do ano passado, após encontros organizados como pais, e reforçado o convite para que outras chapas fossem criadas até o dia 20 de março.

Além disso, foi feito um breve relatório, mostrando de que maneira, nos dois últimos anos, a APM procurou colaborar com a comunidade do São Vicente.

Dentre as realizações da diretoria que deixa a Associação, é possível destacar inúmeras e importantes contribuições.

A participação na discussão e elaboração do Projeto Pedagógico foi uma delas. E é neste projeto que estão delineadas as diretrizes que motivaram todas as demais ações. Quando se fala na parceria Família-Escola, é preciso destacar o papel e as responsabilidades de cada um dos lados envolvidos na construção de um projeto educativo comum. É importante lembrar que só a participação efetiva de todos, a heteroavaliação, a aceitação das críticas e a abertura às contribuições mútuas possibilitam a realização deste projeto.

A necessidade de ampliar os canais de comunicação com os pais, por exemplo, motivou a criação de um novo projeto gráfico e editorial para a revista "a chama", editada desde 1973 pela APM. Durante a atual gestão, foram publicadas seis edições da revista e montada uma estrutura que possibilitará a publicação trimestral da mesma. Também foram patrocinadas duas oficinas de jornalismo com alunos do Ensino Médio.

A APM teve participação ativa na organização de palestras e atividades artístico-culturais realizadas na Escola, seja na escolha dos temas apresentados, seja no apoio financeiro para a realização dos eventos.

Também mereceram atenção especial diversas atividades como os corais e os grupos de teatro e de educação física.

A biblioteca infantil ganhou cara nova com a ajuda da APM e acervos de livros foram doados ao Colégio. O laboratório de línguas não ficou atrás e recebeu os equipamentos necessários ao seu funcionamento.

Mas isso não foi tudo. Dentro do espírito vicentino, a APM colaborou com projetos sociais desenvolvidos pelas Voluntárias da Caridade e com o Projeto Jaguaruana.

Administrativamente, a atual diretoria sai, deixando pronta a sala da APM (localizada atrás da cantina) e organizada toda a documentação para uma boa gestão futura.

O mais importante do comunicado, no entanto, foi o reconhecimento público de que, somente com a dedicação da diretoria da Escola, dos coordenadores, professores e demais segmentos da comunidade escolar, foi possível deixar tão boas lembranças e tão grandes expectativas. ■

Ana Beatriz de Noronha  
Cátia Guimarães



ACIMA, LUCIANA SPERONI FALA AOS PAIS SOBRE A MUDANÇA DE DIRETORIA DA APM

ABAIXO, EVENTOS PATROCINADOS PELA APM



# CAROS AMIGOS



Vinte anos depois, eles voltaram ao Colégio. O motivo? Um churrasco comemorativo.

Os formandos de 80 provavelmente não se lembravam de que, naquele ano, a Imperatriz Leopoldinense e a Beija Flor dividiram o primeiro lugar do desfile das Escolas de Samba com a Portela. A grande maioria talvez já tivesse esquecido que as Olimpíadas foram em Moscou e que o campeão da Fórmula 1 foi Alan Jones. Mas dos colegas, que fizeram nas salas de aula, certamente ninguém havia esquecido. Quem confirma essa teoria é Murilo Vaz, um dos organizadores do evento: “O sucesso do encontro foi fruto de uma mobilização coletiva. Não foi difícil pois todos estavam entusiasmados com a possibilidade de reencontrar grandes amigos e reviver momentos tão especiais da infância e adolescência”.

Na festa, realizada no dia 16 de dezembro, cerca de 80 ex-alunos, aproveitaram para matar as saudades dos antigos companheiros. Alguns, como Vitor Sawczuk, vieram de longe por uma boa causa. “Um dos maiores tesouros que guardamos são as boas lembranças do passado, as más a gente esquece. Eu estou morando em São Paulo e foi maravilhoso poder reviver uma excelente fase da minha vida”, explica ele.

Das 12 às 20 horas, o tempo pareceu curto para botar as conversas em dia. E haja papo... “Foi maravilhoso saber que aqueles amigos, que no passado nos contavam seus sonhos, hoje estão felizes por terem conseguido concretizá-los. Espero que nossos filhos também tenham esta oportunidade e saibam como é importante o convívio escolar para que, mais tarde, mesmo um mero contato

cibernético nos traga uma sensação muito gostosa da juventude que passou”, fala Ana Cristina Madureira.

Quilinhos a mais, cabelos a menos, nada disso importou. O que contou realmente, como resume Murilo, foi a emoção: “As pessoas iam se reconhecendo e logo demonstravam afinidade como se 20 anos não houvessem se passado. Os reencontros e a visita ao colégio obviamente emocionaram a todos”.

Na hora da foto oficial do evento, uma oração, um instante para agradecer a oportunidade de estar ali fazendo, como diz Oscar Bodra, “uma breve viagem ao passado, reencontrando velhos amigos e revivendo velhas lembranças”. ■

Ana Beatriz de Noronha  
Cátia Guimarães



ETC...

# Talento de sobra

Mais uma vez, o curso de teatro infantil, coordenado pelo professor Lauro Basile, mostrou que gente pequena também é capaz de grandes realizações. De 5 a 12 de dezembro, diante de uma exigente platéia formada pelos colegas, pais e convidados, os atores mirins deram um show de bola, ou melhor de interpretação, profissionalismo e consciência cidadã.

O programa foi composto por cinco peças, nas quais os alunos puderam pôr em prática tudo o que aprenderam e materializar as questões trabalhadas durante o ano.

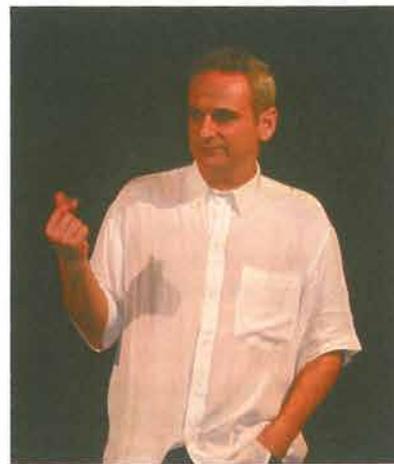
No espetáculo "Os viajantes", os alunos da 1ª série contaram, em linguagem simples, a história de um casal nordestino que vai parar numa cidade grande. Ela grávida, prestes a ter o bebê, não consegue pousada em nenhum local, até que um mendigo resolve o problema. A história é familiar? Certamente, pois traz o Natal para os dias atuais, abordando temas como discriminação, imigração, choque de culturas, valorização do dinheiro sobre a condição humana e insensibilidade aos problemas sociais.

Com o pessoal da 2ª série, foi encenado o texto "Cenas da vida 2", no qual Lauro Basile reúne uma série de situações e personagens extraídos de crônicas de diversos autores. Nesta montagem, o intuito foi trabalhar a composição dos personagens e a intenção das falas. Muita responsabilidade? Claro que sim, mas os pequenos tiraram de letra.

Para as turmas de 3ª e 4ª séries, foram escolhidos as peças "Loucos, mas não doidos", "Deu a louca na casa" e "O caso Claudete".

Em "Loucos, mas não doidos", uma coletânea de textos de vários autores adaptados por Sandra Almada, o objetivo era a criação e composição de personagens através de possibilidades físicas e vocais. O resultado? Os alunos "novatos" deram o recado e não ficaram nada a dever aos mais "experientes".

A história "É conversando que as coisas se entendem", de Orígenes Lessa, deu



origem à peça "Deu a louca na casa". No palco, os personagens são objetos que conversam o tempo todo, ou seja, pouco movimento mas uma "língua afiada". E, mais uma vez, a garotada não se intimidou e mandou ver.

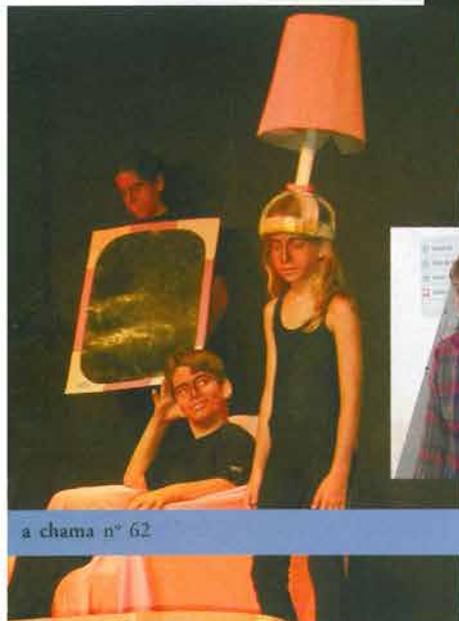
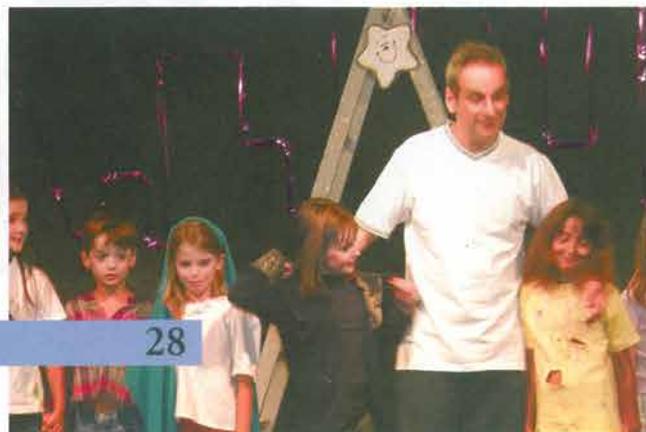
Desta vez, a polêmica ficou por conta de "O caso Claudete", adaptação livre do texto de Carlos Eduardo Novaes. Com sarcasmo, a história fala sobre impunidade, falta de respeito e injustiça. No palco, vence o mais esperto. Mas longe de ser uma apologia à malandragem, a peça serviu como um instrumento de denúncia: algo está errado num mundo em que a esperteza e a malandragem superam a honestidade.

O teatro infantil fechou o ano com chave de ouro. Mais do que uma simples festa, no entanto, o que se viu, durante as apresentações, foi o teatro cumprindo, com louvor, seu papel educativo e social. ■

Ana Beatriz de Noronha

Cátia Guimarães

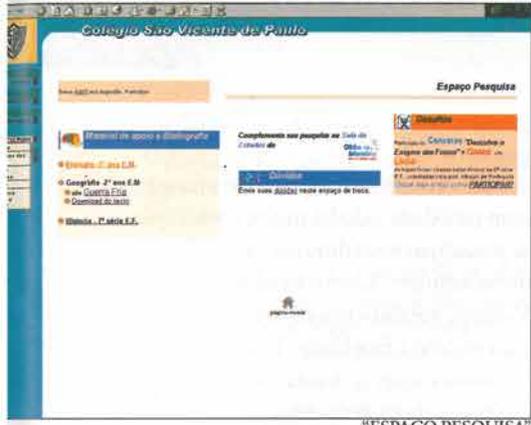
Fotos: Joka



# www.csvp.g12.br



A PÁGINA DE ABERTURA



"ESPAÇO PESQUISA"



"TRABALHOS DE ALUNOS"



"EVENTOS"

**N**em tudo que cai na rede é peixe. Dessa vez, por exemplo, quem caiu na rede foi o Colégio São Vicente de Paulo. Mas essa é uma longa história... e não é de pescador.

Na verdade, a idéia de se usar o computador como meio de comunicação no Colégio surgiu no início de 1995, quando um grupo de alunos, apoiado pelo professor Joka e pelos grêmios (Gregi e Greco), iniciou a criação da BBS do CSVp. Em agosto daquele mesmo ano, estava consolidada a BBSVP, que possibilitava, já em 1996, que os alunos trocassem e-mails e tivessem acesso às provas de recuperação, por meio de *download*.

A Internet chegou, se popularizou rapidamente e começaram a surgir as primeiras páginas pessoais. Para substituir a antiga BBS, em 1997, por ocasião do aniversário do Colégio, entrou no ar a primeira *homepage* do Colégio, entrando no ar a primeira *homepage* do Colégio, contendo, basicamente, as informações institucionais. Mas, na Internet, o tempo voa e o próprio Joka, percebendo a necessidade de uma reformulação do site, incentivou a direção do Colégio a buscar parcerias.

## O novo site

Segundo Esther Regina Levis, especialista em tecnologia educacional e diretora da Oficina da Informática — empresa responsável pela implantação e manutenção da nova página —, a idéia que norteou a reformulação do site foi: é preciso transformar uma fonte de informações num espaço gerador de conhecimento. “Queremos que o site não se restrinja a ser um ‘informativo virtual’, mas que seja um elo virtual, onde toda a comunidade do Colégio possa se encontrar e construir juntos um ambiente carregado de afetividade, atenção, cuidado, prazer, informação, conhecimento e cultura”, diz ela.

## O segredo do sucesso

A parceria Oficina/CSVp tem conseguido excelentes resultados. Por trabalhar há muito tempo junto à parte acadêmica do Colégio, a Oficina conhece bem a proposta pedagógica adotada no São Vicente. A integração entre os parceiros facilita tanto a captação de material quanto a implantação de propostas novas, como por exemplo, a seção “Espaço Pesquisa”, cujo objetivo é o de ampliar as possibilidades pedagógicas através dos recursos que a informática oferece.

Nesta seção, o aluno irá encontrar sugestão de bibliografia para os trabalhos pedidos em sala de aula, inclusive com indicação de sites sobre o tema proposto, um fórum e um espaço onde serão levantadas dúvidas, propostos desafios, exercícios e outras idéias que venham a surgir. “Esta seção tende a privilegiar a democratização e a construção coletiva do conhecimento”, explica Esther.

Existem ainda muitas outras seções que merecem uma boa navegada. As sugestões, sempre bem-vindas, podem ser dadas pelo e-mail [csvp@csvp.g12.br](mailto:csvp@csvp.g12.br) ou através do próprio site.

Agora, para quem ainda tem restrições ao uso do computador e da Internet na educação, uma dica de Esther: “A nova *homepage* do Colégio busca consolidar tudo o que é desenvolvido em seu espaço físico. A expectativa é de que, com ela, possamos encontrar novas formas de comunicação/integração e novas possibilidades de aprendizagem, de trocas e de expressões culturais, pois, somente dessa forma, estaremos participando conscientemente do novo paradigma da Ciberultura”. ■

Ana Beatriz de Noronha  
Cátia Guimarães



“**V**ida sim, drogas não”. Este é o tema da Campanha da Fraternidade de 2001. Pensando nele, Pe. Lauro lembrou durante as reuniões de pais que a melhor forma de se evitar as drogas é valorizar a vida. Mas as drogas, como disse Pe. Lauro não são só a maconha, a cocaína, o crack e os anabolizantes. Droga também são os programas degradantes que assistimos na TV ou o vestibular que massacra os estudantes e em nome do qual são esquecidos os verdadeiros valores da Educação. Educar para a vida, portanto, seria, sem dúvida, a melhor forma de preservar o aluno e de prepará-lo não para um simples concurso, mas para o livre e consciente exercício de sua missão cidadã.

Passado o terror das provas, a pressão familiar o que sobra? O que fica para o aluno do São Vicente?

Para conversar sobre o assunto, a “chama” convidou alguns ex-alunos, hoje universitários.

### Um ano complicado

Quer se queira ou não, no vestibular, os alunos encaram uma maratona de estudo muitas vezes desgastante. Alguns optam por complementar a aprendizagem regular com a de um curso especializado, como foi o caso de Vinicius Carvalho, atualmente cursando Engenharia Metalúrgica, na UFRJ: “O meu ano de vestibular começou como qualquer outro, apenas a partir de junho comecei a me preocupar e acabei

# Depois da tempestade...

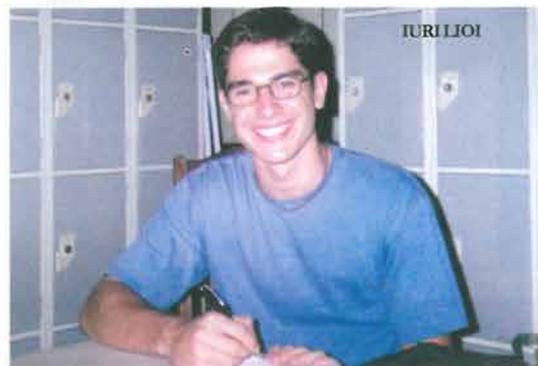
procurando o Curso QI, o que me deu mais segurança”.

A busca de segurança é normal, pois as cobranças são muitos grandes seja por parte da família, como diz Carlos Eduardo Van Hombeeck, que havia optado por Direito, a profissão de seus pais, quanto pelos próprios alunos, como explica Fernando Porto de Carvalho, estudante de Direito, na Uni-Rio e de Ciências Sociais, na UFRJ: “Todas as conversas giravam em torno do vestibular”.

O caso de Carlos Eduardo, Cadu, mostra muito bem o quanto a pressão pode ser negativa. Em seu primeiro vestibular, entrou para o concorrido curso de Economia da PUC, mas “fracassou” com o Direito. A vontade de fazer o curso, no entanto, o levou a prestar novo vestibular um ano depois. Com o conhecimento adquirido durante toda a vida escolar e muita tranquilidade, ele garantiu sua vaga no curso de Direito da UERJ.

### O papel de cada um

Um bom conhecimento acadêmico é fundamental para se ter sucesso pessoal e profissional e fornecê-lo, sem dúvida, é papel da escola. Cabe ao aluno assumir, com responsabilidade, a sua parte no processo. Sobre isso, quem fala é Iuri Lioi, aluno do curso de Desenho Industrial da UERJ: “O papel da escola é preparar os alunos para serem bem sucedidos no vestibular. E o do aluno é saber dosar os estudos



com o horário de lazer, para que a pressão psicológica não se torne um problema”.

Se cada um desempenha sua função com seriedade, não há muito com o que se preocupar nem durante e nem depois do vestibular. “Como ex-aluno do São Vicente, me sinto muito bem preparado para encarar a faculdade. Tenho lido, por lá, textos que já havia lido aqui no Colégio”, conta Fernando.

### O algo mais

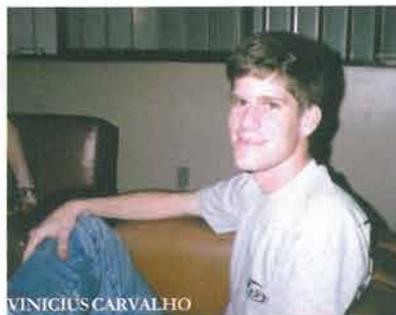
Ensino de qualidade, entretanto, não é exclusividade do São Vicente. Na turma de Cadu, na PUC, por exemplo, existem colegas vindos do São Bento, e do Santo Agostinho. Para ele, no entanto, o São Vicente tem a característica fundamental de dar ao aluno uma preparação social. Dessa forma, diz Cadu, “somente se for vontade do aluno, ele será um alienado da sociedade”.

E é Vinicius quem completa: “O conteúdo de um aluno do São Vicente é bastante abrangente em todos os sentidos: emocional, educacional e mental. Parte de meus colegas de faculdade são extremamente vazios, só pensam em ‘besteira’, enquanto meus colegas do São Vicente são mais formais e inteligentes”, ■

Ana Beatriz de Noronha  
Cátia Guimarães



CARLOS EDUARDO VAN HOMBEECK



VINICIUS CARVALHO



# formandos 2000

Etc...

## TURMA: 3° A

Adriana F. Rennó ♦ Aline C. Oliveira ♦ Ana Luísa L. Carvalho ♦ Ana Paula da S. Ferreira ♦ Ana Paula Faulhaber ♦ Antonio G. Tolipan ♦ Bruno de O. Wanderley ♦ Bruno M. Hanna ♦ Camila M. Motra ♦ Carolina de Rezende ♦ Carolina S. de Barros ♦ Clara B. de M. Almeida ♦ Clara de A. e Souza ♦ Fernanda E. Miranda ♦ Flávia S. R. Dotto ♦ Gabriel F. Durán ♦ Gabriela C. Peixinho ♦ Gustavo C. Pontual Machado ♦ Lara V. Poppe ♦ João Luiz C. B. Sant'anna ♦ Júlia V. de Barros ♦ Laura N. Reis Soares ♦ Leonardo de A. Capper ♦ Luísa B. M. dos Santos ♦ Luíza B. de M. A. da Silva ♦ Marcelo F. C. Fernandes ♦ Maria Carolina N. Martins ♦ Maria Fernanda A. X. Rocha ♦ Miguel B. de Sá ♦ Olívia de A. Fontes ♦ Pedro Augusto P. Daltro ♦ Pedro Henrique R. do Amaral ♦ Rafael C. M. Pena ♦ Renata Maria C. Valdetaro ♦ Roberta E. de Carvalho ♦ Tatiana M. Cantoni ♦ Thales Eduardo S. Martins.

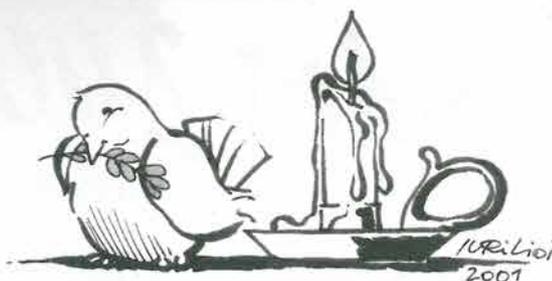
## TURMA: 3° B

Alice G. Vainer ♦ Ana Paula N. Bordallo ♦ André T. Monteiro Pessoa ♦ Barbara A. de Moura Cunha ♦ Bruna S. Padua ♦ Bruno G. e Souza ♦ Cristiano de Abreu ♦ Daniel B. Cunha ♦ Débora N. de Souza ♦ Diana Fichman M. de Souza ♦ Eduardo T. Abdelhay ♦ Felipe C. L. Mourão e Lima ♦ Flávia M. Cortes ♦ Frederico E. Guimarães ♦ Gabriel G. Junqueira ♦ Gustavo de C. Cavalcanti ♦ Joana A. Drubsky ♦ José Luiz Faulhaber ♦ Klícia N. Hayden ♦ Laila F. Caminha ♦ Leandro C. Vaz de Carvalho ♦ Letícia N. Villa-Forte ♦ Lúde Q. Viana ♦ Marcela M. R. Pereira ♦ Mariana C. P. Rodrigues ♦ Monica P. Bentes ♦ Pedro de O. Guimarães ♦ Priscila H. Alvarenga ♦ Renan L. Vermelho ♦ Rodrigo S. Gonçalves ♦ Thiago F. de Freitas.

## TURMA: 3° C

Alice S.G. de Siqueira ♦ Amanda L. S. Pendle ♦ Andre M. Lima ♦ Anna D. Arany ♦ Beatriz D. da R. Vianna ♦ Christiane D. Teixeira ♦ Daniel B. do R. M. Saraiva ♦ Diogo R. Ribeiro ♦ Eduardo R. de B. Guimarães ♦ Felipe L. de L. Salek ♦ Frederico L. Pezzotti ♦ João Ricardo P. G. Jabace ♦ Júlia M. de Pina ♦ Livia de B. Ferreira ♦ Lucas M. D'oliveira ♦ Marcelo A. Novak ♦ Marcelo da C. Nicolau ♦ Maria S. de Carvalho ♦ Matheus C. N. Rocha ♦ Natalia B. Trotte ♦ Olivia Von Der Weid ♦ Patricia K. Garcia ♦ Pedro de O. Schprejer ♦ Raul da C. Spitz ♦ Renata E. Miranda ♦ Tafs C. Silva ♦ Taíssa S. de Carvalho ♦ Tatiana G. Lopes ♦ Thomaz A. de A. e Almeida ♦ Thyago G. D. Silva.





## A BANDA PODRE E A BANDA BOA\*

Dia de clamor nacional pela paz. Indumentárias brancas e velas acesas. A sociedade repudia a violência e mostra sua capacidade de mobilização. Isso me fez recordar um fato acontecido há alguns meses e de conhecimento geral: "O secretário de segurança pública do Rio, o antropólogo Luiz Eduardo, denuncia a existência de uma banda podre na polícia fluminense, a tolerância e a omissão do poder público em relação ao fato". O relato culmina com a saída de Luiz Eduardo do governo. Temendo retaliações, ele e a família deixam o país.

Pude testemunhar a tentativa dos repórteres de extrair algum depoimento da esposa e das filhas a caminho do exílio. Identifiquei na esposa, Bárbara, uma colega do Colégio São Vicente de Paulo. Embora houvesse um convívio diário em classe, só nos tornamos mais amigas diante de uma polêmica da época: a derrubada da casa de Machado de Assis.

O ano deve ter sido 74 ou 75. Quase em frente ao Colégio, seria erguido um grande prédio, no lugar da casa do fundador da Academia Brasileira de letras. A casa deveria vir abaixo e nos indignamos. De um lado, o grupo que falava em história e preservação da memória, do qual fazíamos parte, Bárbara e eu; do outro, um grupo que se auto-intitulava "progressista" e que falava em modernidade. A luta daqueles adolescentes de 15 e 16 anos foi inglória. Atualmente, lá está impávido o prédio com seus 15 andares e uma pequena plaqueta de metal informa: "Aqui, neste local, viveu Machado de Assis". Algo feriu nossos olhos de adolescentes idealistas e soou como: "Aqui jaz parte da memória nacional".

A partir daquele fato, nos tornamos mais próximas, mas o que me fez admirar Bárbara foi seu engajamento social. O São Vicente abria, naquela época, um curso noturno gratuito de 1º grau e arregimentou voluntários dentre os estudantes, para auxiliar nas disciplinas básicas. Houve apenas uma candidata na turma, a Bárbara, que, além de estar no colégio pela manhã para assistir aulas, deveria comparecer às 19 horas para auxiliar no noturno, que terminava às 22 horas. O mais interessante é que ela residia no sopé do Corcovado (...) e o bondinho não circulava no horário em que ela saía do curso noturno. Bárbara era, então, obrigada a caminhar três quilômetros ladeira acima até sua moradia.

Bem, Bárbara, se você algum dia tiver a oportunidade de ler este artigo, saiba que agora eu me dirijo a você. Perdemos contato com o tempo e, através de colegas em comum, soube que você vivia em Campinas, com o marido e as filhas. Mais tarde, vim para Campinas e ingressei na Unicamp, mas você já havia retornado para o Rio. Agora, parodiando aquele famoso verso que tem por título o seu nome, eu pergunto: "E o que aconteceu com você, Bárbara, e sua família? Se permanecessem no Brasil, estariam mortos? Desaparecidos? Ou ainda "vivos" sob a mira de uma chuva de ferro, de fogo e de aço, com a única opção do auto-exílio? E finalizo, como o autor da poesia, afirmando: "Que maluquice a guerra". Mas acrescento: "A guerra tem que ser travada". Não uma guerra de armas, de empresas de segurança, de fechamento de ruas, de máquinas para vigiar, mas uma guerra como aquela que você e, provavelmente, Luiz Eduardo travam, exercendo o verdadeiro papel de cidadãos, seja colaborando no curso noturno do São Vicente, seja denunciando a banda podre da polícia.

Imagine agora, Bárbara, se todo aquele clamor, ao qual me referi no início deste artigo, se reverte em ações. Ações como a da menina Bárbara e a do secretário de segurança Luiz Eduardo. Será que o Brasil não seria um país melhor?

*Maria Alice Pestana Remy*

\*Artigo publicado em julho de 2000, na Revista da Informação e Tecnologia

## PARABÊNS À "CHAMA"!

Essa carta vem da Turquia, para agradecer a belíssima reportagem feita com nossos filhos, Angelo Marcos e Gustavo, ex-alunos dessa escola, e a oportunidade de sermos coadjuvantes na história do querido Colégio São Vicente.

Semanas atrás, recebi alguns e-mails sobre a "Semana da saudade". E por falar em saudades... Onde andam vocês? Vivemos aqui e vivemos buscando novos amigos pela internet. Deixo meu e-mail (celia@technologist.com), para os pais que queiram se comunicar conosco. É sempre bom saber o que passa por aí e trocar idéias.

Obrigada a todos,

*Célia Navarro*

## APOIO E CARINHO

No dia 20 de janeiro, recebi a fantástica notícia de que havia passado para Comunicação, na UFRJ. Com certeza foi uma das vitórias mais significativas da minha vida. Não pelo simples fato de ter passado no vestibular, mas pela luta que eu venci.

E, nessa luta, usei uma única arma, que adquiri no São Vicente: persistência, perseverança, seguir em frente, mesmo remando conta a maré. Sim, aprendi esse recurso para a vida na minha segunda casa. Aprendi isso em cada ano que passei aqui, com cada professor e com cada amigo que tive e que não tive. Até comentei com um amigo que, finalmente, todos os livros que eu havia lido, todos os filmes que havia assistido, todas as coisas pelas quais havia passado, pareciam fazer sentido. Tudo serviu para um propósito: toda a minha vida ao lado do meu "não desistir". Foram dois anos de luta, mas eu consegui.

E então, como se Deus fosse sarcástico, no dia 25 de janeiro, tenho a amarga surpresa da morte da minha mãe. Jamais pude pensar que meu mundo fosse tão frágil e que fosse cair assim. Minha mente está dividida em duas partes antagônicas: uma insiste em não acreditar e a outra, um tanto mais fria, me diz que infelizmente aconteceu.

Minha mãe era uma pessoa fantástica. Todos que tiveram a oportunidade de conhecê-la sabem disso. Com ela, aprendi também alguns recursos essenciais para a vida. Aprendi a acreditar nos meus sonhos, a sorrir e a perdoar, a humildade e a solidariedade, a ver sempre o lado bom das coisas e a enfrentar as adversidades da vida por esse ângulo.

Nesse momento tão difícil, recebi apoio e carinho dessa minha família vicentina. Um apoio muito bem-vindo e que, com certeza, fez um bem enorme a mim e ao meu irmão. É muito bom poder contar com pessoas tão especiais e importantes para a gente. Agora, coloco lado a lado tudo o que minha mãe me ensinou e, novamente, o "não desistir". Isso me dará forças para seguir em frente. O resto quem sabe é Deus.

Agradeço, em meu nome, do meu irmão e de meus familiares, a tudo que este colégio tem feito por nós, durante todos esses anos. O São Vicente é uma parte importantíssima da nossa família.

*Diego Paleólogo Assunção (Em, 01/02/01)*

## UM QUARENTÃO ENXUTO

O São Vicente chega aos 42 anos em boa forma, um quarentão enxuto: não perdeu os cabelos, não precisa pintar os cabelos, não criou pança e não perdeu o fôlego. O Colégio soube renovar-se, desde a primeira intuição de ser uma escola de “catêgo”, como tinha sido o Caraça no século 19 e na primeira década do século 20. Renovou-se subindo degraus sempre altos e puxados e cada vez mais exigentes: uma educação de qualidade, uma educação crítica, a questionante educação libertadora, a educação para a justiça, a educação para a transformação social.

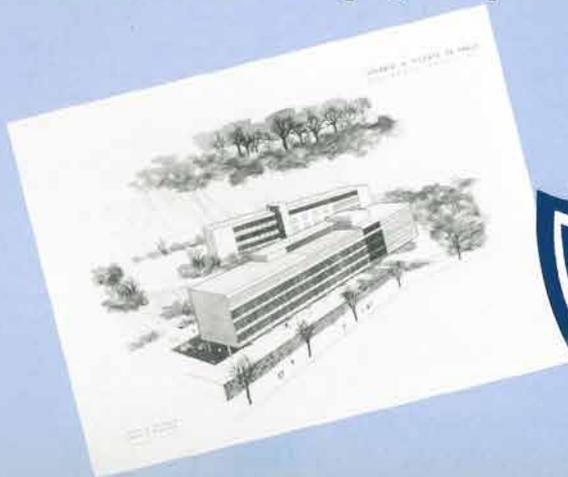
Ninguém fez sozinho todo este percurso, sempre fomos ajudados pela grande coragem dos professores e funcionários, que acreditaram em nossa utopia e quiseram torná-la realidade, e das famílias que nos confiaram seus filhos e aqui os mantiveram 10, 11, 12 anos, até à universidade. Os que morreram foram substituídos por outros lutadores. Ano passado, morreu nosso construtor e primeiro diretor, Pe. Joaquim da Silveira Horta. Em 1999, haviam morrido os diretores seguintes, Marçal Versiani dos Anjos e Pe. José Pires de Almeida. A galeria dos professores e funcionários nos enche de saudades.

Hoje percebemos que os ex-alunos também contam, realizados, com família, muitos já com os filhos na escola, trabalhando na vida e no mundo, em toda parte, nos lugares mais inesperados, no Brasil e fora daqui. Os ex-alunos mostram que valeu a pena ter sonhado e feito, ter imaginado e buscado caminhos, ter tentado e insistido, ter tido imaginação, carinho, presença de qualidade e persistência.

Escrevo este texto ouvindo o carnaval do morro que está descendo a Cosme Velho, uma batucada poderosa, capaz de arrastar-nos, e penso que o São Vicente, há 42 anos, vem botando seu bloco na rua, e ainda não atravessou o ritmo, não se perdeu nunca, não deixou claros nem descompassos, não fez feio nas alegorias nem teve que apelar para nudezes. Fico ouvindo como se visse o São Vicente todo de branco, entrando na praça da apoteose e carregando o coração de todo um povo.

Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 2001

*Pe. Lauro Palú, C. M., diretor*





RELEVO QUE DEU ORIGEM AO NOME DO CARAÇA (PERFIL DE UM GIGANTE DETIADO)

FOTO: PE. LAURO PALU